



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH**



NARAIEL PAITER

**PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E GRAMÁTICA NO ENSINO DA LÍNGUA
PAITER NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA SERTANISTA APOENA
MEIRELLES**

**BARRA DO BUGRES-MT
OUTUBRO DE 2022**

NARAIEL PAITER

**PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E GRAMÁTICA NO ENSINO DA LÍNGUA
PAITER NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA SERTANISTA APOENA
MEIRELLES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECEI da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Profa Dra. Mônica Cidele da Cruz

BARRA DO BUGRES-MT
OUTUBRO DE 2022

- S961p SURUI, Naraíel Paiter.
Práticas de Leituras, Escrita e Gramática no Ensino da Língua Paiter na Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles. I. o Povo Paiter de Mato Grosso. II. o Ensino da Língua Materna na Escola Paiter. III. Nosso Percorso Didático-Pedagógico para o Ensino da Língua Materna Paiter. / Naraíel Paiter Surui - Barra do Bugres, 2022.
57 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)
- Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.
Orientador: Mônica Cidele da Cruz
1. Educação Escolar Paiter.. 2. Ensino de Língua Materna.. 3. Leitura.. 4. Escrita.. 5. Gramática.. I. Naraíel Paiter Surui. II. Práticas de Leituras, Escrita e Gramática no Ensino da Língua Paiter na Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles: I. o Povo Paiter de Mato Grosso. II. o Ensino da Língua Materna na Escola Paiter. III. Nosso Percorso Didático-Pedagógico para o Ensino da Língua Materna Paiter..
CDU 376

NARAIEL PAITER

**PRÁTICAS DE LEITURA, ESCRITA E GRAMÁTICA NO ENSINO DA LÍNGUA
PAITER NA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA SERTANISTA APOENA
MEIRELLES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Profa Dra. Mônica Cidele da Cruz

Aprovada em 23 de agosto de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz (Orientadora/UNEMAT)



Profa. Dra. Eunice Dias de Paula (Membro Interno/UNEMAT)



Profa. Dra. Mônica Veloso Borges (Membro Externo/UFG)

AGRADECIMENTOS

Quero aqui agradecer a *Palob* (Deus, nosso Pai) que me deu força, ânimo e vontade para realizar este trabalho de pesquisa e, ao mesmo tempo, servir a minha comunidade na educação escolar da aldeia.

Também sou grato a minha família e ao ancião José Itabira Surui, pelo apoio que me deram para realizar minha pesquisa.

E, também, gratidão especial à professora Mônica Cidele da Cruz que me orientou, expondo seu tempo para dar esclarecimento a respeito do que podia ser feito na pesquisa.

Vejo que não há possibilidade do ser humano realizar qualquer trabalho e reflexão construtivos sozinho e, por isso, quero agradecer à comunidade da aldeia Sertanista Apoena Meirelles; aos funcionários da Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles e aos alunos também, que me incentivaram e compartilharam ideias. Neles vejo a continuidade de futuros cidadãos Paiter para o povo Paiter e para o mundo que nos rodeia no dia a dia.

E, enfim, não poderia deixar de agradecer à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT e à equipe do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural” (PPGECII), pois fazem parte da minha conquista na formação em nível de mestrado.

Também quero agradecer, de modo especial, todos os meus alunos que participaram e fazem parte dessa caminhada, os alunos do 6º ano, Guilherme Payama-Iway Surui, Romulo Oykoaboig Soesaranêhb Surui, Sansão Oypamikâin Surui, Saulo Oypamemagad Surui e Rafaela Walet Asoemakit Gameb Surui; aos alunos do 7º ano, Nicolas Oypanothem Kaban Surui e Pablo Oypamâin Soeweimilihg Surui; às alunas do 8º ano, Bianca Soemaguytxer Surui, Franciely Goepileh Surui, Rochele Soerrade Bagaomner Mae Surui e Tabita Soepameb Kaban Surui e, por fim, aos alunos do 9º ano, Amabili Waled Goekuytxer Surui, Mikely Soemapính Surui e Thomas Oypagãwaromb Flegler Surui.

Gratidão a todos!

RESUMO

Esta dissertação traz como tema o ensino de língua materna na escola indígena Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles, município de Rondolândia-MT. O trabalho tem como objetivo desenvolver uma proposta didático-metodológica para o ensino da língua Paiter nas escolas indígenas da TI Sete de Setembro, com foco na leitura, escrita e alguns aspectos verbais da língua Paiter. Além desse objetivo, buscamos, também, contribuir para o fortalecimento e manutenção de nossa língua materna em nossas aldeias, por meio da escola, que tem um papel muito importante no trabalho com a modalidade escrita da língua. A escolha para trabalhar esse tema se deu pelo fato de nossas escolas não possuírem produções didáticas autorais específicas para o ensino da língua Paiter. Para tanto, nossas reflexões dialogam com autores que tratam sobre o assunto, tais como Paula (2018), Paiter Surui (2019), Pimentel da Silva (2007,2019), Travaglia (2003), Gomes (2019), além das orientações do Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas (1998), dentre outros textos da legislação, pertinentes à educação escolar indígena. A metodologia do meu trabalho se compõe, primeiramente, de pesquisa bibliográfica, com o aprofundamento no estudo das obras já mencionadas para a escrita da dissertação, acerca do tema proposto. E como se trata de um mestrado profissional, o foco está na ação pedagógica e na proposta de um produto pedagógico/educacional. A ação pedagógica consistiu no percurso didático-metodológico, durante o qual conduzi, como mediador, todo o processo de ensino-aprendizagem voltado para língua materna, trabalhando a leitura, a produção de texto e alguns aspectos verbais da língua, a partir de uma narrativa mítica do povo, *Oy je Ikôr iter nã awetá ewe* (O homem que se transformou em gavião real), contada pelo ancião Itabira Suruí. Foram produzidos diferentes textos na língua materna, com atividades de leitura e compreensão textual, bem como, atividades sobre alguns aspectos verbais da língua Paíter. Todo esse percurso didático-pedagógico resultou num caderno de atividades na língua Paiter, como produto educacional para as duas escolas de nossa aldeia.

Palavras-chave: Educação Escolar Paíter; Ensino de Língua Materna; Leitura; Escrita; Gramática.

MEREMÃWE SAMEH IKIN E

Ah meremãwe sadana Paiter koe ka ġobawe sade Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles ekoy ani e, ewe mã ahna e, ete yakadema Rondolândia-MT wa yara kalab esade xiga ani e. Ebo ah meremãwe sadana ahna te ġobawe sá Paiter koe ka ani ã, ewe mã ahna e, ebo sodiğáey sade TI Sete de Setembro ka ani e, ey ekabi e, ete ġobawe sade sodiğey esemãwe kabi e, ehna te sodiğey etiğey kabi e, ayb mi Paiter koe sade verbo nã ani e, etiğey ikin ekabi e. Ebo ah meremãwe sadana, nẽb we mãwe kabi te mawe nã e, ahna te ġoe sá awe tiğá aladewe tar mi apakob mid ani ãh, ehna te apĩd e mağa te paiterey kalab kabi ani e, ewe mã e, ete ewe ka sodiğá sadana paiterey koe tiğey sameh wá nã, ehna takabi ani e. Ebo ãh sodiğey sade ãh meremãwe sade Paiter koe tiğey sade iõhb iter Paiter ekobawe wá ka ewe nekoy iwe sameh yõh e. Ebo ãh meremãwe sadana ãh paiterey je meremã e, ewe nãlápá takay e, Paula (2018), Paiter Surui (2019), Pimentel da Silva (200,2019), Travaglia (2003), Gomes (2019), ebo orientações do Referencial Curricular Nacional para escolas indígenas (1998) pinãb sade meremã ewe itxa te ikay e. Ete ewe nekoy a meremãwe sabatige dena ġobawe tiğey sade awe samemã ani e, ewe ikine te awe tiğá e. Ebo ehna te mestrado profissional sade ġobawe íxoh koy e, kabi e, eka ãh sodiğey dena iwe mağa kabi e. Ete ojena ġobawe íxoh koy e, ãh sodiğey ġá e, amugey akobá ladewe mi ehna ġobawe íxoh tiğey aki ehna e, ebo ahna bo paiter koe sá awe makobáwe ahná laih ani poh yede tiğey emãwe mağa e, ete ewe nekoy paiterey sade Oy je ikõr iter nã awetá ewe mã ani e, íxoh tiğá Paiter koruhb esed sade Itabira Surui wá e, e ítxa e. Ete ehna te maey etiğey emaki te ojena ahna bo Paiter koe tiğey sá ġobawe kabi ani poh yede mi e. Ete ewe nekoy, Paiter koe tiğey eka ġobawe de, emã obagá oje mũy poy e, eyab sadana sodiğáey kabi ani e.

Ĝoe sameh pid e: Paiter ekobawe sodiğá ka; Paiter ekoe tiğey ġá ġobawe; Sodiğey etiğey esed emãwe; Sodiğey etiğey; Ĝoe tiğey sameh mãwe.

ABSTRACT

This dissertation has as its theme the teaching of mother tongue in the indigenous school Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles, in Rondolândia-MT. The objective of this work is to develop a didactic-methodological proposal for the teaching of the Paiter language in indigenous schools of the TI Sete de Setembro, focusing on reading, writing and some verbal aspects of the Paiter language. In addition to this objective, we also seek to contribute to the strengthening and maintenance of our mother tongue in our villages, through the school, which plays a very important role in working with the written modality of the language. The choice to work on this theme was due to the fact that our schools do not have specific authorial didactic productions for teaching the Paiter language. To this end, our reflections dialogue with authors who deal with the subject, such as Paula (2018), Paiter Surui (2019), Pimentel da Silva (2007, 2019), Travaglia (2003), Gomes (2019), in addition to the guidelines of the National Curricular Reference for indigenous schools (1998), among other texts of legislation, pertinent to indigenous school education. The methodology of my work consists, first, of bibliographical research, with the deepening of the study of the works already mentioned for the writing of the dissertation, about the proposed theme. And as it is a professional master's degree, the focus is on the pedagogical action and on the proposal of a pedagogical/educational product. The pedagogical action consisted of the didactic-methodological course, during which I conducted, as a mediator, the entire teaching-learning process focused on the mother tongue, working on reading, text production and some verbal aspects of the language, from a narrative myth of the people, Oy je Ikôr iter nã awetá ewe (The man who turned into a harpy eagle), told by the elder Itabira Suruí. Different texts were produced in the mother tongue, with reading and textual comprehension activities, as well as activities on some verbal aspects of the Paiter language. All this didactic-pedagogical course resulted in a notebook of activities in the Paiter language, as an educational product for the two schools in our village.

Keywords: Paiter School Education; Mother Tongue Teaching; Reading; writing; Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casa atual dos Paíter

Figura 2: Mapa da Terra Indígena Sete de Setemb

Figuras 3: Pintura Corporal Paíter

Figura 4: Escola Estadual Indígena Sertanista Apoená Meirelles

Figura 5: Acião José Itabira Surui contando história do *Ikõr iter* aos alunos

Figura 6: Alunos atentos ouvindo história do *Ikõr Iter*

Figura 7: Questões referentes ao texto *Ikõr Iter*

Figura 8: Momento de leitura e de escrita da história *Oy je Ikõr Iter nã awetá ewe*

Figura 9: Atividades de leitura do texto *Oy je Ikõr Iter nã awetá ewe*

Figura 10: Atividade sobre os animais sagrados para os Paíter

Figura 11: Atividades dos alunos sobre os animais sagrados para os Paíter

Figura 12: Alunos brincando com o jogo da memória

Figura 13: Alunos discutindo sobre a produção da roça

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 O POVO PAÍTER DE MATO GROSSO.....	15
1.1 Quem somos, onde estamos e como vivemos	15
1.2 A situação sociolinguística na comunidade Paíter – Terra Indígena Sete de Setembro	22
2 O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA PAÍTER	24
2.1 A importância do ensino da língua materna na escola indígena	24
2.2 A língua materna Paíter no currículo da escola Paíter	27
3 NOSSO PERCURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA PAÍTER	32
3.1 Práticas de leitura, escrita e de gramática da língua Paíter	32
3.2 Procedimentos metodológicos	33
3.3 Percorso didático-pedagógico: Unidade Didática: <i>Oy je Ikõr iter nã awetá ewe</i> (O homem que se transformou em gavião real)	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
5 REFERÊNCIAS	57
ANEXO.....	59
PRODUTO PEDAGÓGICO.....	59

INTRODUÇÃO

Eu me chamo Naraiel Paiter Surui, sou professor da escola da aldeia onde moro, aldeia indígena Sertanista Apoena Meirelles, onde vivem 16 famílias, totalizando uma população de 73 pessoas.

Minha caminhada na educação começou aos 17 anos de idade, quando fui escolhido pela comunidade para ser professor pelo voto unânime, em 2007. Na época, na Escola Municipal Indígena Sertanista Apoena Meirelles, estava faltando professor para uma turma multiciclada de 2º ano e 3º ano do ensino fundamental.

Quando iniciei meu trabalho na educação escolar na aldeia, estava terminando o ensino médio, então, de dia trabalhava na escola e de noite ia estudar na cidade de Rondolândia, porque na aldeia, ainda não tinha escola para a turma do ensino médio. Desde muito cedo, sempre me preocupei com a qualidade da educação escolar da nossa aldeia, e agora, faço parte das lideranças que buscam melhoria para educação escolar Paiter em Rondolândia.

A cidade mato grossense mais perto de nossas aldeias Paiter é Rondolândia; ela fica a 08 km da aldeia Sertanista Apoena Meirelles e, por essa razão, nosso povo Paiter criou as aldeias pela região noroeste da T.I. Sete de Setembro. Por ser tão perto da cidade, havia muita invasão de posseiros de terra e nossa floresta precisava ser protegida por nós, Paiter, pois nossa terra tradicional foi demarcada com muita luta, assim não poderia ser tomada por invasores. E desde que as aldeias Paiter foram criadas, em Mato Grosso, reivindicamos escolas em nossas comunidades. Atualmente são três aldeias em nosso território: Sertanista Apoena Meirelles, *Panãg* e a Sete de Setembro.

Hoje temos a Escola Municipal Indígena Sertanista Apoena Meirelles, que atende as séries iniciais do 1º ano ao 5º ano do ensino fundamental; e a Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles que atende desde o 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental e, também, as turmas do ensino médio de 1º ao 3º ano.

Desde que comecei a trabalhar na escola da aldeia, venho batalhando e reivindicando a melhoria para educação escolar Paiter na região Noroeste de Mato Grosso, juntamente com as lideranças das aldeias, incluindo meu pai. Eu me lembro muito bem, de que no ano de 2008, nosso povo Paiter começou a reivindicar uma escola que atendesse nossos alunos do 6º ano

ao 3º ano do ensino médio, para que não precisassem sair mais para cidade para estudar e que a formação escolar acontecesse integralmente na aldeia.

E foi por causa do fruto da luta de nossas lideranças, que foi criada a “Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles”, com isso, os jovens Paiter pararam de frequentar a escola da cidade de Rondolândia. Desde 2009, nossa escola atende alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, por isso, eles podem ter formação completa de escolaridade na própria aldeia. Na escola há três professores e sou um deles, Naraiel Paiter Surui; Miguel Surui e Francisco Meirelles Namalota Surui; um diretor, Tomé Hoê Iway Surui e uma merendeira, Mapinam Paiter Surui. Mas, infelizmente, a escola estadual da aldeia ainda não tem estrutura própria e funciona na estrutura da escola municipal, e essa ainda é uma busca de conquista para nós, Paiter.

Nossa escola recebeu o nome de “Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles”, em homenagem ao filho do sertanista que fez contato com o povo Paiter, em Rondônia. E para essa escola, também, fizeram uma reunião para escolha dos professores, na qual fui um dos escolhidos pelo voto, juntamente com os professores Miguel Surui e Francisco Meirelles Namalota Surui. Desde, então, sou professor da turma multiciclada de 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental. Com isso, o meu trabalho na escola é integral, pois de manhã trabalho na escola municipal e à tarde na escola estadual, assim, a minha preocupação em focar na minha responsabilidade com a educação escolar aumentou ainda mais.

Em 2016, concluí o ensino superior, me licenciando na área de “Línguas, Artes e Literaturas”, na Faculdade Indígena Intercultural-FAINDI/UNEMAT, no campus universitário de Barra do Bugres-MT. Embora formado na área da linguagem, sempre trabalhei com todas as disciplinas, porque todo ano, as turmas de alunos de ensino fundamental em que eu trabalho, sempre foram fechadas para um professor.

Aos poucos, nessa caminhada de professor indígena na minha aldeia, adquiri experiência, mas nem sempre estou sozinho na educação escolar da aldeia. Eu me tornei pesquisador para poder ensinar as crianças e jovens da comunidade, para dialogar e refletir sobre os conhecimentos que temos sobre nossa tradição milenar, juntamente com os sabedores da aldeia e também para compartilhar os conhecimentos de/e com outros povos.

Nessa trajetória, como professor, tenho me preocupado bastante em desenvolver o ensino de língua Paiter, e embora ainda não tenha sistematização aprofundada de materiais específicos sobre a língua, tenho esboçado o planejamento de atividades gramaticais e textos, porque tenho convicção de que isso leva ao conhecimento da língua Paiter entre os educandos e educandas.

Nesse sentido, considerando a importância da língua Paiter para o meu povo, o tema deste trabalho é o ensino de língua materna em nossa escola indígena, com o objetivo principal de discutir e desenvolver uma proposta didático-metodológica para as duas escolas indígenas: a Escola Estadual Indígena Sertanista Apoená Meirelles e a Escola Municipal Indígena Sertanista Apoená Meirelles da TI Sete de Setembro.

Além disso, queremos, também, contribuir para o fortalecimento e manutenção de nossa língua materna em nossas aldeias, por meio da escola, que tem um papel muito importante no trabalho com a modalidade escrita da língua. A escolha para se trabalhar esse tema se deu, também, pelo fato de nossas escolas não possuírem produções Paiter para o ensino da nossa língua materna. Para isso, então, propomos a elaboração de um Caderno Pedagógico com atividades de leitura, escrita e verbos da língua Paiter.

Atualmente na escola da aldeia onde trabalho, apenas temos o livro que o *Summer Institute of Linguistics-SIL* produziu para as escolas nos anos de 1990, cujo foco está na escrita de palavras e sons nasais de sílabas. Também temos o livro que os professores Paiter de Rondônia produziram para as escolas em 2004, que servem mais para os anos iniciais, com foco nas ilustrações.

Em nossas reflexões, procuro dialogar com Paula (2018), Pimentel da Silva (2007, 2019), Travaglia (2003), entre outros autores, além das orientações do Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas (BRASIL, 1998) e demais textos da legislação, pertinentes à educação escolar indígena.

A metodologia se compõe, por um lado, de pesquisa bibliográfica, com o aprofundamento no estudo das obras já mencionadas e a busca de bibliografia complementar para a escrita da dissertação, acerca do tema já mencionado. E como se trata de um Mestrado Profissional, o foco está na ação pedagógica e na proposta de um produto pedagógico/educacional. A ação pedagógica consiste no percurso didático-metodológico, durante o qual conduzi, como mediador, todo o processo de ensino-aprendizagem voltado para língua materna, especialmente, na leitura, na produção de texto e na gramática.

Antes de apresentar como está organizado o meu trabalho, quero lembrar aqui, que no início da pesquisa, as atividades escolares foram suspensas por causa da pandemia COVID-19, que atingiu o mundo inteiro. Foi um período extremamente difícil e caótico, em que as pessoas tiveram que paralisar os trabalhos e ficarem isoladas por conta da transmissão do vírus. Nessa época, as aulas na aldeia foram paralisadas, também, durante um longo período.

Tempos depois, quando foi decretada a volta às aulas, mas ainda não presencial, tivemos que prosseguir com as aulas remotas, entregando atividades apostiladas aos alunos casa por casa. Entreguei atividades apostiladas aos alunos, por respeito a minha comunidade, que na ocasião evitava aglomeração. E durante as aulas remotas, não foi possível realizar o que tinha proposto e planejado para esta pesquisa.

Após longo período novamente, a situação foi, aos poucos, se ‘normalizando’, e as pessoas aceitaram as aulas presenciais. E somente em março de 2022, iniciamos as atividades pedagógicas referentes a esta pesquisa, de forma presencial.

Quando à organização textual desta dissertação, no capítulo I, faço uma breve contextualização do meu povo Paíter, aqui de Mato Grosso, e também, descrevo um pouco da situação sociolinguística na minha comunidade. No capítulo II, trato da importância do ensino da língua materna na escola indígena e sobre este componente no currículo da nossa escola.

Por fim, no capítulo III, apresento o percurso didático-pedagógico que organizamos para o trabalho com a leitura, escrita e alguns aspectos verbais da gramática Paíter, que resultou no produto educacional proposto. Em seguida, trago as considerações finais, com reflexões a respeito do tema pesquisado.

1 O POVO PAÍTER DE MATO GROSSO

Neste primeiro capítulo, apresento a você um pouco do meu povo Paíter, nome que usarei durante todo o meu trabalho, porque é a nossa autodenominação.

1.1 Quem somos, onde estamos e como vivemos

O que vou relatar aqui é com base em informações adquiridas no site do ISA (Instituto Socioambiental) e também por meio de conversas realizadas com o senhor José Itabira Suruí, que é meu pai, uma pessoa importante para nosso povo Paíter, que já foi guerreiro e cacique geral do povo. Desde o contato com os não indígenas liderou os Paíter na busca da demarcação de nossa Terra tradicional, o que o levou a trazer a nossa família, no ano de 2000, para a Terra Indígena Sete de Setembro, no noroeste de Mato Grosso. Já foi vereador (2009-2012), no município de Rondolândia-MT, e hoje sofre com problemas de coluna, é ancião e cantor tradicional do nosso povo Paíter.

Nós nos autodenominamos Paíter, que significa “Nós os verdadeiros”, mas, quando fomos contatados por não indígenas, no ano 1969, no estado de Rondônia, fomos denominados de Suruí, porque outros povos indígenas vizinhos nos chamavam de *yoríwayey* (donos da tatuagens ou pessoas com tatuagem), que quer dizer rosto tatuado, pois fazíamos *yorí* (tatuagem) no rosto. É um tipo de tatuagem que sinaliza para as pessoas o respeito e a riqueza de beleza, porém, não era qualquer pessoa que podia usar essa tatuagem. E quando a pessoa tinha no rosto o *yorí* (tatuagem) e o *bétiga* (seda da árvore bétig), os Paíter diziam que era *Paíter iter*, que literalmente significa pessoa verdadeiríssima.

A seguir, trago a estrutura morfológica das palavras que escrevi acima:

a. *Yorí-way-ey*

Tatuagem-dono-pl

“Donos da tatuagem”

b. *Bétig-a*

Árvore bétig-add

“seda da árvore bétig”

c. Pa-iter iter

1Incl-verdadeiro verdadeiro

“Nós os verdadeiríssimo ou pessoa verdadeiríssima”

No entanto, aos poucos, depois do contato com os não indígenas, o uso de *yorí* foi se tornando escasso, e somente os Paíter que presenciaram o contato com a expedição e que ainda estão vivos têm a tatuagem, enquanto que a maioria das pessoas que nasceram depois do contato não tem *yorí* no rosto.

Hoje costuma-se fazer o *yorí* no rosto com o líquido de jenipapo que dura alguns dias, mas o *yorí* já foi uma tatuagem permanente, antes preparada com líquido de jenipapo e de *ijigahb* (uma pedra clara achada no solo que quando esquentada, dá fogo ao derreter. Era usada para fazer fogo ou luz). Misturavam-se os líquidos e, para fazer tatuagem no corpo, furavam a pele do rosto com um espinho.

Vejamos a estrutura morfológica e o significado dessas palavras:

a. *ijigah*

“luz”

b. *ijigah-b*

luz- Noml

“tipo de pedra brilhante”

Antes de sermos contatados, éramos povo nômade, vivíamos na floresta, mudando de aldeia para aldeia, por causa dos ataques inimigos. E não era só por causa disso, segundo a história dos mais antigos, nosso povo já via os não indígenas (*yara*) tomando posse das florestas há muito tempo, por isso, aconteciam os conflitos, o que causava a fuga dos Paíter para se protegerem. E essa situação da invasão da floresta foi crescendo cada vez mais, devido à presença de exploradores de terra e também quando foram contatados pela expedição da FUNAI, para instalação da linha telegráfica, chefiada por Francisco Meirelles e por seu filho Apoená Meirelles. Essa expedição, comandado pelo Marechal Rondon, incentivava a vinda de migrantes para empossar a terra, sem contar com a vinda de migrantes incentivados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Esta época resultou em conflitos fundiários com meu povo, que buscava se proteger dos ataques dos fazendeiros, extrativistas e agricultores. E nessa situação na floresta, nosso povo acabou sendo contatado pela expedição da FUNAI, a qual se aproximou com oferecimento de utensílios, como faca, panelas, machados e espelhos.

E logo quando meu povo foi contatado, sofreu por causa de epidemia de sarampo, doença desconhecida. Nessa época, quase se deu o nosso extermínio, pois muitos Paíter

morreram e, segundo relatos, foram momentos dramáticos e até pensaram que os não indígenas causaram isso para acabar com nosso povo. Depois que vários Paíter perderam a vida, a FUNAI vacinou nosso povo contra sarampo, fazendo com que alguns Paíter sobrevivessem. Na época, a epidemia de sarampo matou aproximadamente 300 pessoas.

Meu povo, como guerreiros da floresta, ainda teve que lutar pela demarcação de nossa Terra Indígena, porque sem a demarcação da terra, os fazendeiros, agricultores e sitiantes continuavam a desmatar a floresta para poder ocupar da forma que queriam. Em meio a isso, meu povo Paíter teve que entrar em conflito com os posseiros de terra, pois precisava defender e proteger a floresta. Durante esse conflito, alguns integrantes dos Paíter perderam a vida para tirar os invasores da nossa terra tradicional, porque sobrevivemos da floresta e respeitamos a lei da natureza, pois compreendemos que a terra tradicional assegura a autonomia da cultura tradicional e preservação da língua.

Meu povo conseguiu demarcar a nossa Terra Indígena no ano de 1976, sendo declarada a posse permanente pela Portaria 1.561, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Nossa Terra Indígena foi denominada de Sete de Setembro, porque meu povo foi contatado pela expedição da FUNAI no dia 7 de setembro. E anos mais tarde, em 1983, aconteceu a homologação da T. I. Sete de Setembro pelo Decreto nº 88.867. Vale lembrar aqui que todos os povos indígenas no Brasil hoje têm a necessidade de demarcar a terra tradicional, proteger uma parte da floresta para que a nossa sobrevivência prevaleça. Então, com meu povo não foi diferente, pois desde o contato com os não indígenas, tivemos a necessidade de lutar pela demarcação, onde o limite da demarcação da T. I. Sete de Setembro impõe o respeito com a floresta para nós.

Internamente estamos organizados por meio de famílias dos clãs que compõem nossa sociedade: *Ĝameb* (marimbondo preto), *Ĝabĝir* (marimbondo amarelo), *Makor* (bambu) e *Kaban* (fruta de mirindimba). Todos os clãs têm seus líderes para sua representatividade, para que possam conduzir a organização social, e nas ocasiões de rituais de roça, de caça e outros, se manifestam primeiramente para que todos os clãs possam ser participativos.

Os casamentos entre nós se dão entre os clãs: *Ĝameb* casa com *Kaban*; *Ĝameb* casa com *Ĝabgir*; *Ĝameb* casa com *Makor* e vice-versa. Para compreender melhor, se um homem do clã *Kaban* casar com uma mulher *Ĝameb* e tiver filho, a criança é considerada do clã *Kaban*. Assim os clãs vão se compondo, por meio da consideração paternal, no entanto, o tio materno sempre vai pertencer o outro clã. Nesse caso, se o tio tiver uma sobrinha, poderá se casar com ela, e assim, se compõem os clãs entre nós.

Quanto à organização das moradias das aldeias Paíter, tem sido muito diferente da situação de antes do contato com os não indígenas, pois sempre tivemos uma aldeia, onde as famílias tinham suas casas tradicionais separadas por clãs, casas tradicionais denominadas de *lab iter*. Hoje em dia, elas têm sido pouco construídas, prevalecendo as casas de madeira.

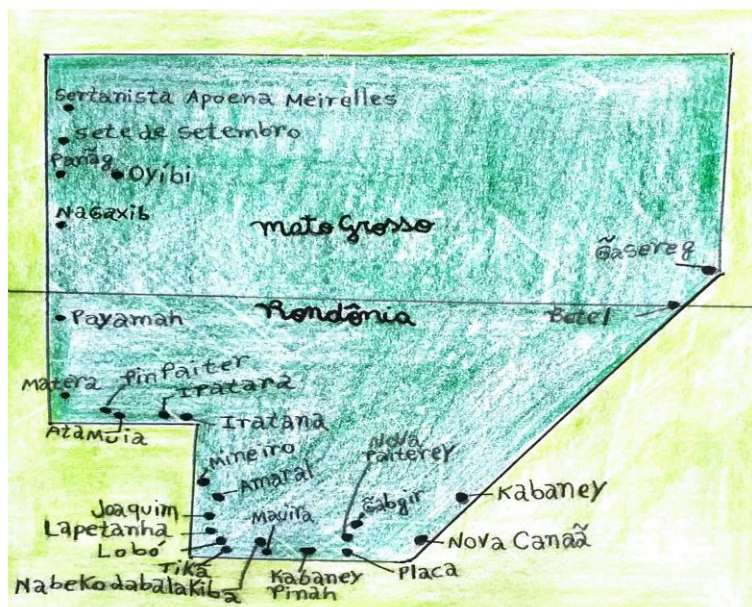
Figura 1: Casa atual dos Paíter



Fonte: Naraiel Paiter, 2022

Na T. I. Sete de Setembro, depois do contato com os não indígenas, o número das aldeias tem aumentado, pois para defender e proteger a floresta da terra indígena, que tem 247 mil hectares, temos criado outras aldeias, porque ao redor da terra tradicional se vê hoje fazendas, sítios e cidades, como podemos constatar no mapa que trago a seguir:

Figura 2: Mapa da Terra Indígena Sete de Setembro



Fonte: Naraiel Paiter Surui, 2022

A T.I. Sete de Setembro abrange dois estados brasileiros, Rondônia e Mato Grosso, com uma população geral estimada em 1.375 pessoas. Em Rondônia, os Paíter têm 21 aldeias, já em Mato Grosso, temos 06 aldeias, onde atualmente, como forma de subsistência, ainda mantemos e praticamos as atividades tradicionais nas roças comunitárias. Fazemos os roçados e limpamos para plantar amendoim, mandioca, banana, batata-doce, cará, mamão e milho. No tempo da colheita da produção da roça, produtos como cará, mandioca, milho, batata-doce e amendoim são partilhados entre as famílias. É o dono da roça *gã iway* que dá iniciativa para a colheita e convida as famílias. E no final da colheita, as famílias levam o que colheram, mas, antes disso, entregam alguma parte da colheita ao *gã iway*, em sinal de despedida. E é isso que temos feito até os dias de hoje para termos o sustento interno, sendo que, ao final disso, para ter continuidade, as famílias guardam algumas partes da produção, pensando para o plantio do próximo ano. Vejamos a estrutura morfológica e o significado da seguinte palavra:

- a. *gã iway*
roça dono
“Dono da roça”

Também coletamos da floresta as frutas nativas comestíveis, como: pama, bacupari, patuá, entre outras frutas. Ainda praticamos a caça e a pesca, sem contar que nos últimos anos, iniciamos a produção de banana, café e coleta de castanha para venda, por meio das associações Paíter. Isso é apenas para nossa sobrevivência comunitária, diante das relações com não indígenas que nos cercam com sistema de compra e venda.

Nós somos um povo da floresta que também acredita em seres sobrenaturais, que respeitamos e os consideramos protetores da floresta. Nem todos os Paíter mantêm comunicação com esses seres, somente os pajés são encarregados de manter a comunicação com eles para prever o tempo e a cura dos enfermos. Como os pajés não eram de interagir com pessoas, os Paíter iam até eles para serem curados das enfermidades. De acordo com relatos de alguns Paíter, não era qualquer pessoa Paíter que procurava para ser pajé, os espíritos é que escolhiam a pessoa para ser pajé. Hoje em dia, têm poucos pajés entre nós, inclusive, há aldeias que não têm pajés.

Atualmente os pajés não são procurados pela maioria das pessoas para curar, mesmo exercendo a pajelança. Ele pode prestar socorro quando a pessoa está prestes a morrer. Seguimos utilizando as plantas medicinais para tratar das doenças. Em meio ao caos da pandemia do coronavírus no mundo, pudemos utilizar as plantas medicinais para combater os sintomas da doença de coronavírus. Na ocasião, os pajés não foram procurados, mas as pessoas das aldeias Paíter preferiram acampar na floresta para se proteger do vírus da pandemia.

Também, temos *Palob*, que é o nosso “Deus da Criação”, o qual faz tudo que existe na floresta e seres viventes. Segundo relatos, os Paíter não o adoravam, porém, consideravam que *Palob* é bondoso, porém, ele tinha um irmão preguiçoso que gostava de aproveitar do *Palob* bondoso. E os Paíter já falavam que esse *Palob* morava no céu e que tem uma cadeira enorme, na qual acreditavam que os Paíter bons sentavam junto com *Palob* bondoso.

Depois do contato com os não indígenas, chegaram várias religiões nas aldeias, e hoje temos igrejas evangélicas. Isso, porque na época do contato, a FUNAI introduziu missões evangélicas estrangeiras para transcrever a nossa língua Paíter e, ao mesmo tempo, essas missões faziam sermões para nosso povo. Aos poucos, foram produzindo textos bíblicos em nossa língua, e o resultado disso é que alguns Paíter se tornaram evangélicos, e constituíram uma igreja evangélica própria que denominaram de *Palob Apaiterey Panebey*, que quer dizer “Novo povo de Deus”.

Até agora se tem pouco estudo aprofundado em Paíter para se escrever a gramática da língua, com isso, se estudam pouco as regras da gramática da língua na escola, sem contar que ainda não temos dicionário da língua Paíter, dois instrumentos linguísticos importantes. O que temos na escola da aldeia são catálogos com textos de história dos Paíter, descritos na língua materna e na língua portuguesa, como por exemplo, “Caderno de Pesquisa, registro da nossa Terra Indígena Sete de Setembro” e “Nós, Paíter Surui: nossa terra e as mudanças climáticas”.

Nós, Paíter, sempre acreditamos no ser criador *Palob*, que se diz em português “Deus”, e acreditamos que os animais que existem hoje na floresta também foram seres humanos há muito tempo atrás. Assim, para contar as histórias dos *Panãgëy*, que quer dizer, os ancestrais, há sempre o ser humano dialogando com o animal que já foi pessoa, como ser de linguagem e com hábitos humanos. Então, na época do início da criação, há muito tempo, já celebrávamos o *Mapimaí*, ritual da celebração do criador, pelo que tinham feito e, ao celebrar, era início dos novos dias, como se fosse o início do ano. E por isso, o meu povo Paíter celebrava o *Mapimaí*, mas aos poucos foi se tornando raro esse ritual, pois as famílias foram se espalhando na terra tradicional, distanciando-se uma das outras. Sempre na ocasião de celebração do ritual, todas as pessoas se reuniam, homens, mulheres e crianças de todos os clãs do nosso povo. E o ritual dos pajés *Hoeyatẽ* se tornou raro também, ritual que só era feito entre os pajés, para poder se comunicar com os espíritos.

Hoje nas aldeias ainda se pratica o *Wexomaré*, ritual de pinturas corporais, que aponta para presença do criador, pois o criador teve essa pintura no seu corpo, então para as crianças, indica o início do crescimento e saúde. O adulto não pode passar no corpo o líquido do jenipapo feito para crianças. Se passar, a criança irá ter a mesma doença do adulto que passou, quanto para os adultos que indicam presença para o criador, portanto, nessa ocasião tem pessoa que canta sobre a pintura. E também, ainda se pratica o *Ëmağaré*, ritual da roça. Para ter a roça e a produção do plantio, duas pessoas de clãs diferentes se convidam para fazer a roça.

A produção do plantio é partilhada, com oferecimento de chicha e cantorias em sinal de que haverá mais fartura para comunidade. E hoje ainda, se faz ritual individual, com algumas plantas e insetos, como por exemplo, para a criança começar a andar mais rápido, os avós passam nos pés da criança *kahra saboah*, um tipo de cipó vermelho, ou então passam uma centopeia no joelho da criança para poder andar logo.

Figuras 3: Pintura Corporal Paíter



Fonte: Naraiel Paíter, 2022

Meu povo Paíter mantém os costumes ancestrais, porém, como todo povo depois do contato com não indígenas, sofremos impactos culturais. E para poder nos habituar às situações desses impactos sociais, para sobrevivermos, lutamos e permanecemos na terra demarcada, praticando a cultura milenar para a nossa existência nos dias atuais.

1.2 A situação sociolinguística na comunidade Paíter – Terra Indígena Sete de Setembro

Somos falantes da língua Paíter da família linguística Mondé, do tronco Tupi (RODRIGUES, 1986). Nós continuamos preservando e respeitando nossa língua materna e a cultura tradicional, pois compreendemos que a língua Paíter, desde a nossa sobrevivência, vem repassando os conhecimentos milenares que nos identificam. Nossa língua materna é muito falada por nós em todas as aldeias, e não temos o costume de falar entre nós em outras línguas, só falamos em Paíter. Em ocasiões de interação com os não indígenas, usamos a língua portuguesa.

Na aldeia onde moro, Sertanista Apoená Meirelles, próximo da cidade de Rondolândia-MT, vivem 73 pessoas, sendo 4 anciãos, 36 adultos, 14 adolescentes e 23 crianças. Todas as pessoas falam a língua Paíter no dia a dia e sempre estão dialogando na

língua materna. Em nossa aldeia, existem pessoas monolíngues e bilíngues em Paíter/Português. Há casos de anciãos e crianças que não sabem falar a língua portuguesa perfeitamente, no entanto, adultos e adolescentes são bilíngues, falam a língua portuguesa razoavelmente, e dialogam com os não indígenas na língua portuguesa.

Além dos Paíter, línguas da família linguística Tupi-Mondé são faladas também por outros povos indígenas como Zoró, Cinta-larga, Gavião e Aruá (RODRIGUES, 1986), (MOORE, 2005). E no nosso caso, hoje em dia, as escolas de nossas aldeias têm ensinado a escrita da língua, uma situação que não acontecia antes dos anos de 1990. A nossa língua Paíter é um elemento fundamental para a socialização dos saberes tradicionais, transmitir histórias mitológicas, repassar as técnicas dos artesanatos, na expressão de músicas tradicionais, na interação cotidiana da comunidade, entre tantas outras situações.

Acredito que uns dos pontos positivos para a língua Paíter, na educação escolar, é a valorização da escrita e da oralidade. Por meio da oralidade é que nosso povo sempre socializou as práticas culturais e os conhecimentos tradicionais entre nós.

Concordando com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), também compreendo que é preciso que a escola indígena Paíter desenvolva o ensino, possibilitando ao discente indígena que ele seja competente para a conversação no dia-a-dia, com as pessoas com as quais convivem e com as quais compartilham as referências culturais. É importante, também, desenvolver nos alunos indígenas, por meio do ensino, a competência oral necessária para que possam entender e falar sobre novos conhecimentos introduzidos pela escola, seja na língua indígena ou ainda pode ampliar as formas de expressão oral na língua portuguesa para que possam se comunicar em novas situações, quando estiverem diante da sociedade falante da língua portuguesa (BRASIL, 1998).

Nós ensinamos a partir da vivência cotidiana, em que as crianças aprendem participando, observando e praticando as atividades culturais com a família. E é com essa visão que as escolas Paíter devem valorizar o que é a identidade Paíter, para que nosso povo continue lutando pela sobrevivência, para planejar e buscar o futuro como Paíter, porque se extinguir a identidade por causa de influência, não cabe mais para o povo querer o futuro como Paíter.

Nesse sentido, cabe à educação escolar Paíter manifestar nos ensinamentos que a escola da aldeia não é apenas para formar o futuro profissional, mas o ser Paíter ativo na comunidade, que tenha a visão de ajudar os caciques tradicionais, lideranças e anciãos para o bem do povo Paíter, em nossa terra tradicional.

Continuando nosso percurso, passamos ao próximo capítulo, no qual escrevo e faço reflexões sobre o ensino de língua materna na escola Paíter.

2 O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA PAÍTER

Nesse capítulo, trato da importância da nossa língua materna no ensino fundamental, do 6º ao 9º ano, na escola de nossa comunidade.

2.1 A importância do ensino da língua materna na escola indígena

Antes de tratar sobre o ensino da língua materna, apresento a foto da nossa escola estadual, onde estudam alunos do ensino fundamental II e ensino médio.

Figura 4: Escola Estadual Indígena Sertanista Apoená Meirelles



Fonte: Naraiel Paiter, 2022

Todo ser humano tem a necessidade de estar falando para ser compreendido, compartilhar ideias e assim se organizar socialmente. E é dessa maneira, por meio da oralidade, da pintura corporal e do ritual, através da primeira língua no cotidiano é que o nosso povo Paíter vem, ao longo de nossa sobrevivência, utilizando nossa forma de linguagem para se comunicar.

Antes ainda não tínhamos as representatividades de sons da língua materna, ou melhor dizendo, a escrita das palavras da nossa língua de oralidade, como se vê nos dias de hoje do mundo ocidental. E desde que a instituição “escola” foi imposta para nós, Paiter, depois do contato com os não indígenas, em meados dos anos 1980, os primeiros professores indígenas Paiter que vieram aos poucos trabalhar em nossas escolas tiveram que ensinar na sua primeira língua: a língua Paiter, para introduzir conceitos e para esclarecimento de conceitos.

Ao utilizarem os livros impostos na escola, escritos na língua portuguesa, os professores Paiter tiveram a obrigação e necessidade em se expressar na língua Paiter para o ensino, por serem falantes de sua primeira língua. E isto diz respeito ao que aponta o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) que a primeira língua dos povos indígenas seja a língua de instrução oral para o currículo, ou seja, que a instrução oral sirva para introduzir conceitos, dar esclarecimentos e explicações (BRASIL, 1998).

E vendo que a escola era o meio de impor outra língua, ou seja, a língua portuguesa, por meio de livros das disciplinas, e que a língua Paiter na ocasião era apenas utilizada na oralidade, surgem então, a ideia e as indagações de que a escola na aldeia poderia e deveria ensinar a preservação da língua Paíter, e também , ensinar a escrita da língua oral para a manutenção da primeira língua que identifica o povo.

Sendo assim, a partir dos anos 1990, as escolas Paíter se abrem para o ensino da escrita da língua Paiter na escola da aldeia, que se iniciou por meio das cartilhas feitas por uma organização não governamental, o SIL (Sociedade Internacional de Linguística), que na época já tinha iniciado a escrita da língua materna. E aos poucos, os professores foram se cobrando para ensinar a escrita, por meio dos estudos da língua materna que os linguistas estrangeiros produziram e, com passar dos tempos, foram feitas as produções de textos de mitologia e descrição das atividades culturais na língua materna.

O trabalho da contribuição dos linguistas estrangeiros no estudo da língua Paiter foi a descrição de palavras Paiter sobre a nasalização de sílabas que, aos poucos, foi sendo utilizado nas escolas Paiter para auxiliar na textualização da língua Paiter.

Em 2016, como Trabalho de Conclusão de Curso-TCC, pela Faculdade Indígena Intercultural-FAINDI/UNEMAT, pesquisei sobre palavras polissêmicas na língua Paiter. A pesquisa buscou analisar a “existência de um aspecto da gramática da língua que é a polissemia, por meio da descrição da língua Paiter, pois nas falas cotidianas foi identificado esse fenômeno, com também, nos seus vários usos e acepções no contexto de comunicação” (PAITER, 2016, p.10).

E na minha formação continuada, em nível de especialização na Educação Escolar Indígena, em 2021, pesquisei sobre “A classe de verbos na língua Paiter”, pensando em estudar alguns aspectos da gramática da nossa língua.

Nesse trabalho, identifiquei na língua Paiter três subclasses verbais que são: verbos transitivos, verbos intransitivos flexionais e verbos intransitivos não flexionais. Nos verbos transitivos, um objeto está na forma de sintagma nominal, pronome livre ou clítico pronominal, estando à esquerda do verbo lexical; e nos verbos intransitivos flexionais acionam os prefixos de concordância verbal que correferenciam o sujeito; e nos verbos intransitivos não flexionais, não recebem flexão de concordância verbal. E esses são as subclasses de verbos que identifiquei na língua Paiter.

E aos poucos, o ensino da escrita da língua Paiter na escola da aldeia veio ganhando importância e hoje se vê como uma das ferramentas que, ao ser sistematizada, torna-se motivo de estudo, pois toda língua tem a sua própria gramática. E os verbos da língua Paiter são uns dos aspectos gramaticais que proponho trabalhar pedagogicamente com meus alunos do ensino fundamental. É uma parte importante da gramática de nossa língua, pois é possível, “trabalhar e discutir os variados fatos relativos ao uso das formas verbais, chamando a atenção para os diferentes e possíveis empregos de cada forma verbal e mostrando suas possibilidades significativas” (TRAVAGLIA, 2003, p. 172).

Conforme o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, todo conhecimento da língua é abstrato e está escondido, precisando ser estudado, e ao ser pesquisado e conceituado, é um conhecimento a ser estudado pelos falantes, no sentido de entender as regras da escrita, de pronunciar a escrita e, portanto, de desenvolver o conhecimento da gramática da língua (BRASIL, 1998). E estudar hoje a escrita da língua materna Paíter na escola da aldeia é uma situação que não existia diante da sociedade não indígena, porque a escola para indígenas na aldeia, no início, foi imposta para nos integrar à sociedade nacional, para que nós, indígenas, esquecêssemos o que nos identifica para sermos o que somos. Então, para o tempo de hoje, a possibilidade de estudar a escrita da própria língua é de suma importância para que o falante, além de expressar verbalmente através da primeira língua, possa saber escrever na língua materna, como também pode ajudar a manter a língua materna viva.

Compreendo que através da escrita, por meio da produção de textos escritos, a língua pode ser mantida no meio social da comunidade, pois a primeira língua é a identidade do povo que a fala. A escrita é importante também para que os falantes tenham capacidade de expressar os saberes que adquiriu ao longo da vida com seu povo. Em segundo lugar, é

importante destacar que nós, Paiter, também temos a necessidade de estudar a segunda língua, a língua portuguesa, para poder interagir em igualdade de condições com a sociedade envolvente, porque queira ou não queira, fora da aldeia ou até mesmo dentro da aldeia, nos deparamos com a escrita da língua portuguesa, seja nos livros, documentos, nos computadores e nos celulares. E também nas situações de interação verbal com os não indígenas, na situação de falar pessoalmente em público, falar pelo celular, computadores, entre outros meios de comunicação.

E enfim, para que ocorra o ensino de língua na escola da aldeia, de acordo com a necessidade da comunidade, é preciso que haja a interação da escola com a comunidade e vice-versa, seja por meio de registrar a canção tradicional, descrição das histórias de mitologias, práticas de pinturas corporais, a presença de anciãos na escola para desenvolver ainda mais o ensino de língua na modalidade oral, que é extremamente importante e não pode ficar em segundo plano na escola. E nesse sentido, a professora Maria Pimentel Socorro Pimentel da Silva (in memorian) diz que “nas línguas indígenas a escrita, além de estar coladinha na oralidade, visa à retomada de saberes milenares, o diálogo geracional e ancestral. Isso aumenta as potencialidades de seus usos” (PIMENTEL DA SILVA, 2019, s/n). Portanto, oralidade e escrita precisam caminhar juntas.

Sendo assim, os sabedores, os alunos e os educadores vão analisar e discutir a importância de se manter tanto a língua oral quanto a língua escrita nas ações da escola, porque a língua não é intacta, está sempre mudando de geração para geração.

2.2 A língua materna Paiter no currículo da escola Paiter

Antes de descrever sobre o currículo da língua materna na escola da aldeia, é preciso ressaltar primeiramente aqui na contextualização do texto, que os povos indígenas no Brasil conquistaram através de mobilizações, o direito indígena, na Constituição de 1988. Essa conquista fez com que a legislação brasileira abandonasse a postura de integrar os indígenas à comunidade nacional.

E desde então, os povos indígenas encontraram a liberdade de poder falar, estudar e registrar, por meio da educação escolar, a sua língua materna, tanto que isso está estabelecido no artigo 210 da Constituição Federal, como também na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDBEN, lei nº 9394/1996, no Art. 78 e Inciso I, que ampliam o espaço das línguas indígenas nos processos de escolarização. Essa lei estabelece que o Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura deve dar

assistência aos indígenas para desenvolver programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural, com objetivo de proporcionar aos indígenas nas suas comunidades, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências.

É com esse direito estabelecido na Constituição e na LDBEN que a educação escolar Paiter em Mato Grosso, na aldeia indígena Sertanista Apoená Meirelles, pratica seus ensinamentos educacionais na língua materna nas escolas das aldeias, desejando que isso seja mantido nas gerações futuras.

Falar a primeira língua é ser povo pensante na sua forma de se organizar culturalmente, pois ainda somos falantes da primeira língua, da família Tupi-Mondé. E é por causa disso que língua materna está presente nos ambientes escolares e onde quer que seja o ensinar das pessoas na aldeia. Ela ainda está presente na oralidade dos anciãos e das anciãs, ao relatarem as histórias de acontecimentos do nosso povo Paiter, como mitos, ritos, cânticos, ciências e as demais expressões culturais. E é por meio do saber Paiter, que a escola na aldeia tem ofertado o ensino e aprendizagem na língua materna, para que haja a liberdade no nosso modo particular de ensinar através da língua materna.

Com isso, buscamos a valorização dos saberes e dos costumes que foram a causa de manter a nossa identidade até os dias atuais, pois é por meio da língua(gem) que todo povo partilha o conhecimento. Isso não é diferente entre nós, Paiter, pois nossa língua materna é viva e nos possibilita que as aulas sejam ministradas na língua Paíter.

E mesmo que a escola tenham os livros enviados pelo Ministério da Educação (MEC) e pela Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC), os conteúdos são explicados na língua materna, porque o educador e os alunos são falantes da primeira língua, da família Tupi-Mondé. E para ter acesso ao ensino da língua materna através da escrita e da oralidade, os professores têm buscado e envolvido os anciãos e anciãs para produção de textos de mitos e saberes Paiter que são coletados, ao ouvirmos os sabedores e também por envolvê-los nas manifestações culturais da comunidade na aldeia.

Compreendo que é preciso produzir as atividades da língua materna na escola e ser criativo no planejamento escolar, por meio da descrição e valorização do conhecimento cultural, considerando que nós, Paiter, sempre tivemos nossa própria ciência para descobrir e sobreviver na natureza, no entanto, a comunidade faz da escola o espaço reflexivo para construção educativa, a partir de seus contextos socioculturais e para saber outros conhecimentos que venham somar no que diz respeito ao saber da realidade do ser vivo, natureza e o mundo.

É muito importante a escola ter o Projeto Político Pedagógico (PPP) estabelecido de acordo com a necessidade da “escola indígena”, para assegurar a especificidade para educação intercultural e bilíngue e que seja feito juntamente com a comunidade escolar da aldeia. É nesse caminho que tem seguido a “Escola Estadual Indígena Sertanista Apoená Meirelles”, que já tem o PPP e tem buscado o ensino bilíngue, onde a primeira língua é ensinada, como um meio para intermediar o que for trazido em segunda língua. Assim compreendemos que “a inclusão de uma língua indígena no currículo escolar tem a função de atribuir-lhe o status de língua plena e de colocá-la, pelo menos no cenário escolar, em pé de igualdade com a língua portuguesa, um direito previsto pela Constituição Brasileira (BRASIL, 1998, p.118).

O ensino da língua materna na Escola Estadual Indígena Sertanista Apoená Meirelles está presente na oralidade e na escrita, mas a carga horária desse componente curricular e de outros componentes existentes para escola é estabelecida pela Secretaria do Estado de Educação-SEDUC. E todos os funcionários da escola da aldeia Sertanista Apoená Meirelles são Paíter: o diretor, a zeladora, a merendeira e os professores, porém, a escola não tem secretário escolar contratado. E como os professores e alunos são indígenas e falantes da língua Paíter, mas não só por causa disso, mas porque somos povo Paíter, a escola da aldeia tem que ser para os Paíter.

Assim todas as disciplinas são ministradas na língua Paíter, mesmo com as teorias do mundo ocidental escritas nos livros na língua portuguesa. Nas aulas os conteúdos são explicados pelos professores Paíter na língua materna, pois só assim os alunos compreendem melhor e, como Paíter, vão recebendo conhecimentos que o mundo oferece pela escrita e pelas imagens.

A carga horária de língua materna é de uma aula semanal, diferente da disciplina de Língua Portuguesa com três aulas semanais. Vejo essa questão como uma forma de o sistema educacional brasileiro inferiorizar a língua indígena, atribuindo a ela pouca carga horária. A língua materna é uma essência do povo e estudá-la de forma mais efetiva vai ajudar a dar mais vida aos nossos saberes ancestrais e fortalecer nossa escola da aldeia.

O componente curricular de Matemática tem três aulas, Geografia tem duas, História tem duas aulas, Ciências tem duas aulas, Ensino Religioso uma aula, Artes uma aula, Língua Inglesa uma aula, Educação Física uma aula, Tecnologia Indígena uma aula, Práticas Agroecológicas uma aula e Práticas Culturais e Sustentabilidade uma aula. E aqui quero destacar uma situação para poder expressar sobre o ensino de práticas culturais, ou seja, as práticas de dança e dos cantos para celebrar a colheita que nós fazemos não poderiam ter apenas uma hora-aula, é preciso que tenha uma carga horária maior.

Vale lembrar que o ensinamento Paíter não era fragmentado por áreas e por horário, portanto, se é feito na escola, todas as disciplinas poderiam estar envolvidas, pois numa música e dança, por exemplo, há envolvimento de conteúdos que servem para Artes, História, Língua Portuguesa, Língua Materna, entre tantas outras disciplinas. É preciso sistematizar essa situação nas secretarias educacionais que atende a escola da aldeia, pois vai valorizar muito mais a realidade da aldeia.

É com essa carga horária das disciplinas que a Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles atende as turmas de 6º ano ao 9º ano. E para as turmas de 1º ano ao 3º ano do Ensino Médio, nessa mesma escola, as disciplinas estão com a seguinte carga horária: Língua Materna com duas aulas, Língua Portuguesa com três aulas, Matemática com duas aulas, Geografia com duas aulas, História com duas aulas, Ciências com duas aulas, Filosofia uma aula, Sociologia uma aula, Biologia com uma aula, Química com uma aula, Física com uma aula, Artes com uma aula, Educação Física uma aula, Língua Inglesa com uma aula, Tecnologia Indígena com uma aula, Práticas Agroecológicas com uma aula e Práticas Culturais e Sustentabilidade com uma aula.

No Ensino Médio, os professores são Paíter, e os conteúdos das aulas também são ministrados na língua Paíter, e mesmo que os conteúdos escritos no livro sejam em outra língua, são explicados em Paíter. E por causa do estudo de outras línguas estrangeiras na escola Paíter, os professores veem ainda mais a importância da língua materna, por isso, ensinam outras línguas estrangeiras em Paíter. Por causa disso, defendem que a língua Paíter precisa ser estudada ainda mais para desenvolver e sistematizar a sua gramática.

O que mais favorece a oralidade é que os planejamentos das aulas são feitos na língua materna, e a explicação dos conteúdos dos livros das outras disciplinas é feita na língua materna. Sobre isso, o RCNEI destaca que:

Primeiramente, a língua indígena deverá ser a língua de instrução oral do currículo. Chama-se de "língua de instrução" a língua utilizada na sala de aula para introduzir conceitos, dar esclarecimentos e explicações. A língua indígena será, nesse caso, a língua através da qual os professores e os alunos discutem matemática, geografia, etc... Esse tipo de procedimento permite que os alunos que têm pouco domínio do português possam aprender melhor e mais rapidamente os novos conhecimentos de fora, necessários devido ao contato com a sociedade envolvente. Mas ele traz, além disso, outras vantagens: os alunos aumentarão sua competência oral em língua indígena, pois aprenderão a utilizá-la também para falar sobre os novos conhecimentos adquiridos, em vez de terem que recorrer ao português para isso. A língua indígena ficará, assim, mais forte, pois passará a ter mais uma função importante, aquela própria do espaço escolar (BRASIL, 1998, p.119).

Também acredito que isso favorece os alunos Paíter no ensino da língua materna, porém, para se trabalhar a escrita da língua materna, a carga horária no ensino fundamental estabelecida não é suficiente. Embora os professores venham registrando as histórias do povo Paíter na língua Materna, ainda carecemos de material didático específico em nossa escola.

Quero destacar, ainda, que a educação escolar Paíter conta com a participação da comunidade, juntamente com os professores para que haja planejamento com execução escolar diferenciada, pois o povo e os professores indígenas Paíter têm a convicção de que mudar a escola ou transformar a “escola” para si está nas mãos do próprio povo, junto com educadores escolares, para garantir que a escola tenha qualidade de ensino. Nesse sentido, conforme orienta o Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas, “a participação da comunidade no processo pedagógico da escola, fundamentalmente na definição dos objetivos, dos conteúdos curriculares e no exercício das práticas metodológicas, assume papel necessário para a efetividade de uma educação específica e diferenciada” (BRASIL, 1998, p.24).

A escola Paíter entende que a língua é uma identidade étnica, porque na aldeia tudo que é falado e pensado é por meio da língua Paíter. Dessa forma, a valorização da língua na aldeia, desde alfabetização, acontece através da gravação das músicas tradicionais e descrição de histórias Paíter contadas pelos sabedores. Portanto, “é por meio da linguagem que os Paíter ensinam e aprendem suas histórias, mitos, cânticos e demais expressões culturais”, conforme assegura o Projeto Político Pedagógico-PPP, de nossa escola.

Assim, é importante, nos dizeres da professora (in memorian) Maria do Socorro Pimentel, que:

[...] o professor traga para a sala de aula particularidades discursivas e linguísticas das línguas usadas pelos alunos, a fim de incentivá-los tanto para lê-las quanto para conhecê-las cada vez mais, estabelecendo, assim, motivações para perguntas, questões, comparações, indagações, ou seja, para a pesquisa e a criatividade etc. Essa metodologia pode favorecer a revitalização das línguas indígenas ameaçadas (PIMENTEL DA SILVA, 2006, p.386).

Para a escola Paíter, é uma forma de ganho, em que os professores são Paíter e são falantes da língua Paíter, por isso, buscam ofertar o ensino para o bem da educação Paíter. Sabemos que na história do Brasil se têm relatos de que o ensino catequético aos povos indígenas era para negar a diferença, assimilar, exterminar, fazendo com que nós, indígenas, nos transformássemos em algo diferente do que éramos.

E hoje, por causa disso, se têm alguns povos indígenas no Brasil que buscam retomar e fortalecer a sua língua materna, porque foram obrigados a negar a identidade cultural. Então, a nossa escola Paíter tem levado a sério o ensino de língua materna, para que algum dia não percamos nossa identidade étnica, ou o que há de mais valor para nós: nossa língua materna, porque tenho certeza que quando o povo fala a primeira língua tem acesso aos conhecimentos gerais, sem precisar negar as especificidade cultural e a identidade própria.

Após, então, discutirmos sobre o ensino de língua materna, em nossa escola e no currículo escolar, passamos ao próximo capítulo, no qual apresento nosso percurso didático-pedagógico para o ensino da língua Paíter.

3 NOSSO PERCURSO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA PAITER

Nesse tópico, apresento o percurso didático-pedagógico que planejamos para o trabalho com a leitura, a escrita e a gramática que resultou no produto educacional proposto para o ensino fundamental do 6º ano ao 9º ano. A ação pedagógica aconteceu no período de 22 de março a 18 de abril de 2022, sendo duas aulas por semana.

3.1 Práticas de leitura, escrita e de gramática da língua Paíter

No meu entendimento, pesquisar, sistematizar, estudar e ensinar a língua Paíter é contribuir para a valorização de nossa língua. Sei que para repassar a língua e a prática cultural, meus antepassados Paíter, na maioria das vezes, faziam pela linguagem oral, dialogando no dia a dia, durante as práticas culturais. E hoje nos dias de ensinamento da língua materna na escola, entendo que precisamos sistematizar e conceituar os conhecimentos por meio da escrita da língua, pois quanto mais a estudamos, mais iremos aprofundar para se ter a gramática da nossa língua materna.

Para reforçar o que digo, trago a seguinte citação:

O ensino de gramática da língua indígena é necessário. Por gramática assumimos aqui um conjunto composto pelo sistema sonoro (Fonética e Fonologia), pela estrutura (Morfologia e Sintaxe) e pelos sentidos da língua (Semântica e Pragmática). Não concebemos um modelo de ensino de línguas em que este conjunto não esteja presente. É necessário sim falar de classes de palavras, de fonemas e sílabas, de sentenças, etc. O cuidado que se deve ter com esse ensino perpassa questões metodológicas e não questões

referentes à necessidade ou ao lugar da gramática na sala de aula. Nesse sentido, a discussão não é do tipo ensina ou não ensina gramática, mas como ensina gramática, dando-lhe seu merecido protagonismo e razão de existir. A gramática existe a partir de sua estrutura, de seu funcionamento, não de seu conjunto de nomenclatura; portanto, não à aula calcada na metalinguagem!(GOMES, 2019, p.20).

E para dar o ponta pé inicial no estudo da língua Paíter, em um dos seus aspectos gramaticais, pensei em fazer, também, algumas atividades sobre verbos, a partir da pesquisa que fiz durante a minha formação, em especialização, com foco no tempo verbal.

Em relação à leitura e escrita, nossa ação pedagógica partiu da escuta e registro de uma das narrativas míticas do meu povo, com o nome de *Oy je Ikõr iter nã awetá ewe* (O homem que se transformou em Gavião Real), contada pelo ancião Itabira Suruí.

3.2 Procedimentos metodológicos

Essa ação pedagógica foi desenvolvida no dia 22 de março de 2022, por meio da Unidade Temática: *Oy je Ikõr iter nã awetá ewe* (O homem que se transformou em Gavião Real). A unidade consta de um percurso didático que contemplou etapas de leitura, produção escrita e gramática, tendo como foco o ensino dos verbos da língua Paíter. Vejamos a estrutura morfológica de algumas palavras Paíter, que trago acima:

- a. Oy je ikõr iter nã awetá ewe
 Oy je ikõr iter nã a-wetá ewe
 Homem-perf gavião verdadeiro - decl 3-transformar noml evento
 “O homem que se transformou em gavião real”

As três etapas, leitura, escrita e gramática contemplaram a narrativa mítica relatada pelo ancião José Itabira Suruí, bem como, a produção de textos na língua indígena tanto pelo professor quanto pelos alunos, além de outras atividades, a partir do que foi explorado na história sobre o gavião real.

É importante ressaltar que, ao trabalhar alguns aspectos verbais da língua Paíter, ou levar em consideração as palavras Paíter quando se refere a tempo, a leitura e a produção escrita são fundamentais nesse processo de ensino e aprendizagem de um dos elementos da gramática Paíter.

O primeiro momento do percurso didático foi a contação da narrativa, onde levei os

alunos para ouvir a história relatada pelo ancião. Em seguida, fizemos o registro escrito e a leitura da narrativa: *Oy je Ikôr iter nã awetá ewe* (O homem que se transformou em Gavião Real). Nesse momento, os alunos tiveram contato com o tema proposto por mim. Fiz a leitura, com perguntas para auxiliar na compreensão do texto. Para isso, foi preciso ativar os conhecimentos prévios dos alunos, que se referem ao conhecimento de mundo (experiências vividas, o que conhece sobre o assunto) e o conhecimento linguístico (gramática), no caso, o que conhecem sobre verbos da língua (KOCH e ELIAS, 2006).

Em outros momentos, propus atividades de leitura, escrita e de oralidade, os quais contaram com a contribuição do consultor nativo, como por exemplo, no relato da narrativa oral, apresentada neste trabalho. O trabalho de gramática, voltado para a descrição e funcionamento dos verbos na língua materna, contemplou atividades com verbos na língua Paiteir, a partir da pesquisa que fiz na pós-graduação, em nível de Especialização, na Universidade Federal de Rondônia. Embora, trabalhemos com alguns aspectos verbais, as atividades não estavam desvinculadas da leitura e da produção de texto em Paiteir, porque eu entendo que o uso e a reflexão sobre a língua não podem acontecer de forma descontextualizada.

Como material de apoio didático, produzimos um joguinho pedagógico para auxiliar no aprendizado dos verbos, como por exemplo, no jogo de memória, com palavras escritas nas cartas, no qual os jogadores puderam encontrar a mesma palavra e, assim, por diante.

As atividades envolveram os alunos do ensino fundamental da escola Sertanista Apoená Meirelles, em aulas presenciais, após o longo período pandêmico da Covid 19 que assolou o mundo, conforme percurso didático-pedagógico que apresento a seguir.

3.3 Percurso didático-pedagógico: Unidade Didática: *Oy je Ikôr iter nã awetá ewe* (O homem que se transformou em gavião real)

Terça-feira, 22 de março de 2022.

Das 14 às 15h50min

Nosso percurso didático-pedagógico, no primeiro momento, começou com uma conversa sobre narrativas orais, com a finalidade de ativar conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema. Para isso, falei a eles que todo povo tem sua mitologia que explica a origem das coisas e que é passada de geração a geração.

Após um tempo de conversa sobre narrativas orais, levei os alunos até o ancião para ouvirem a história do *Oy je Ikõr iter nã awetá ewe* (O homem que se transformou em gavião real), atividade que chamamos de contação de história. O senhor Itabira é cantor e fundador da aldeia Sertanista Apoena Meirelles, já foi guerreiro e cacique geral do povo Paíter. Quero destacar que no dia anterior a esta atividade, fui até a casa do ancião, que é meu pai, e pedi a ele para contar a narrativa aos meus alunos. Também aproveitei o momento para gravar a narrativa, pois teria que transcrevê-la antes, para preparar o texto escrito.

No dia da atividade, o ancião aceitou prontamente contar a história que queríamos ouvir. Antes do início da narrativa, preparei os gravadores para poder gravar a história contada pelo ancião e também falei aos alunos que pudessem, durante o relato, fazer perguntas a respeito das curiosidades e dúvidas que tivessem. Embora eu já tivesse gravado a narrativa no dia anterior, achei importante que meus alunos também gravassem a história, porque depois iríamos trabalhar com ela em sala de aula.

O ancião iniciou a narrativa dizendo que naquele momento ele também estava se sentindo bem, por contar a história aos alunos da aldeia e disposto a narrar a história toda, pois parecia pela percepção dele, que os jovens Paíter poderiam ouvir as narrativas dos Paíter.

Segunda-feira, 28 de março de 2022.

Das 14 às 15h50min

Essa atividade aconteceu no dia 28 de março de 2022, na aldeia indígena Sertanista Apoena Meirelles, com a turma mult ciclada do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Indígena Sertanista Apoena Meirelles.

Figura 5: Ancião José Itabira Surui contando história do *Ikõr iter* aos alunos



Fonte: Naraiel Paíter, 2022

No decorrer da narrativa, os alunos foram questionando sobre as situações ocorridas na história ou até mesmo das palavras que desconheciam no texto. E foi assim, o desenvolver da história, com a fala do ancião, despertando a curiosidade de todos. Houve muitas perguntas por parte deles, com muito diálogo entre o contador e os ouvintes, que se despertaram ainda mais porque os anciãos e as anciãs são pessoas notáveis por guardarem as riquezas do povo em si.

Figura 6: Alunos atentos ouvindo história do *Ikõr Iter*



Fonte: Naraiel Paíter, 2022

Ao final do relato, nos despedimos do ancião, agradecendo por ter contado uma das histórias do povo Paíter e voltamos para sala de aula. Na sala de aula, pedi aos alunos que escrevessem na língua materna a história relatada pelo ancião ou parte do que conseguiram compreender.

Para registrar a narrativa, que é uma das mitologias Paíter, no dia anterior da contação de história, fiz uma gravação com o senhor José Itabira Surui, e depois transcrevi o texto, como ele contou. Escrevi na língua Paíter para poder repassar a narrativa aos alunos, trabalhamos com o texto escrito durante seis aulas, ou seja, três semanas. O resultado dessa atividade, apresento a seguir:

Oy je Ikõr iter nã awetá ewe

Mater iter, panãg dena ahna ma e, awekar alaba ikõrey xab lihd ikin, ihkabkod mere tar e. Ebo dena apug itxa yakina ã, ehna abohta yakade itxar eka ikay e. Ebo madekena ikõr xab lihd ikin oĩyã aka ehna aperã amakab ã e, ete tajenah awe kay e:

_ Pamaka iwe ikin ma!

Ehna awe kay e. Ete pamoyey jekena ãh ter ikõr mug sade:

_ Xoram, Xoram, Xoram!

Awagá ewe pi e. Ebo tajena:

_ Apug itxa boh yakina ã. _

Iweka awekay e. Ebo tajena awekay:

_ Yakeka ikõr mug aã ma!

Ehna awe kay e, ete tajena:

_ Iyeh. Ehna awekay.

Ete de “Iyeh” dema e, dena abekãyahb aã awãna wekabi e, ete dekena, poroh pãg, poroh pãg. Ehna awãna e, ihb agã mã e. Ebo dekena, ahnẽ akah ikõr xab lihd eka e, ebo dena amakab esade ãoy txar eka e:

_ ãh tete yakana poh, eyab nesá ixiruhd iter poh.

Ete xamakab sade ãoy txar, edenã iwe pi õhb aje eka, ehna iwe kar maité ikay e:

_ Kanã? Kanã ter bo yaã ixiruhd ah?

Ayab weka dena iweka ikay e:

_ Boté lade ixiruhd yakiãh eãay e.

Wá iõhb ner ãoytxared dena maité, ehna merekar ehna tar e. Ebo, ihb ahibikoy yedena, merekar itxer masade akay, eka ehna atãrawa ehna iwe ka e, ebo dena awẽhtẽ ehna amakab ãa ahna e:

_ Boté lade ixiruhd yaka eneyedey perpi peremĩ yã eãay e!

Ebo ãoytxared dena iwe kuy ikin õhb, ehna amakab de, akay eka e. Ebo dena iwe ka ehna, pukub ehna nabea mã e, ebo awãna amakab de ihb emi ma e, eyxar e, ahgoy mamaãay eréh ehna e, ayab we itxa aka amakab etor iwar wabikoy e. Ebo Paiter de awãna ma e, dena awaga, xĩ, xĩ e. Ehna wabikoy awaga ãarba itxa ehna e, etiga te ikõr mug dena aar pi ehna ikay e:

_ Kanẽãina ewaga ihná?

Ehna iwe ka ikay e, ebo dena iwe maka ehna iwe ka ikay e:

_ Oyĩbi ihgá te mã yana poh, ete lada na e, ehna lana ohgoy iõhb lada na e.

Dena iwe ikay e, ebo ikõr mug dena iweka ikay e:

_ Emaã bolá maré.

Ehna iwe ka ikay e, ete Paiter sade ihb abikoy, e dena:

_ Iyeh.

_ Ehna iwe ka ikay e. Ebo ikõr mug dena, aposãahb e pi ehna, day, ebo jag ehna ixi mi, yakawa ka e, ebo dena yuhuy ehna yakawa alar ka e, etiga te dena:

_ Txog, txog, txog.

Ehna ama ikõr nẽh e. Ebo dena, e pi ikay e:

_ Eãaye, olobey je aor eka, aligáré, tapamiré.

Dena ikay e, ahna te yakaye ahnẽ ajeka egõah kamã aye, txog, txog, txog, apikõy kor tiga egõah mahpáwe ixoh wemã poré, dena meremã ikay e. Ebo yena Paiter dena ama ikõr nẽh e.

Ebo epi ikõr mug esobey jena aor ehna arimẽey yabáwerá aor ehna ãakorah mabi ehna tar e, eyab dena, apug itxa ehna manoh ikin e, eyab dena ikay e:

_ Nãd ama nãh?

Ebo ikõr mug dena iwe ka asob ãa e:

_ Omalod akad laã toyanã poré!

Dena asob ãa iweka e. Ebo xixob dena iwe ka ehna:

_ Txog, txog, txog.

Ehna pasapé ema páh, ehna xaãoah kamã ehna iweka e, ayab dena ohne ehna, dããa te, ehna iwe ka e, ebo ikõr mug esob dena iwe ka ikay e, xitxate anar palá maih, ehna apug ka e.

Ebo ikõr iterey jena paiter de ama ikõr nêh e, emakobawe na, ehna pamaka ãakorah ma ikay e. Ebo dena, tay itxa aka ãakorah iweka e, eyab ãoy paiter de, ama ikõr nêh e, dena ohne soaka te ehna e, ebo ikõr mug dena, arimê aka aje yõh ehna iweka ikay e:

_ Aka oiãh eyaye ré.

Ehna ixar õh ehna iwe ka ikay e. Ete ikõrey jena, ãakorah aje pi ehna, ahnê ehna awá kabi e, etiga te, tajena paiter ema ikõr nigá aje ma e, eka e:

_ Nãd aka ema?

Ebo dena iwe takay e:

_ Ah aka toy apoh!

Ehna arimê sar õh ehna takay e. Ebo ehna te, ikõrey jena makalá ka te, ehna te e, ãakorah ré tajena awekay e. Ebo tajena arigá ehna, etiga apopíd aka e, ete etiga paiter de, ama ikõr nêh ma e, dena aíd aka te e, ewe ka tajena iwe kuy ikin ikay e. Ebo dena ehna te, ehna akobá weor tamakab iter na awetá e. Ete yena paiter dena awetá ehna ikõr iter na ma e.

Ete paiter de, ama ikõr nêh ma e, dena ikõr iterey ka e, apakob míd nêh aje taperemi eka e:

_ Ye ahne bar ah, anu paiter de onor iwar ihb abikoy ma e, ekar ma ih, waba owepíka ikay aye.

Dena takay meremã e, ebo ikõrey jena, ehna te bela kayã ehna ikay e. Ete dekena, paiter de ator iwar ihb abikoy ma e, ekar yede kanê alade ka ehna e, oykoahb emamir ehna e. Eyab dena oykoahb ka e:

_ Ohma pãy eka ma.

Dena ikay, ebo oykoahb dekena, paiterey ewáh xiga aka ehna atohtê ihb atog iter abikoy ehna pereka e. Ebo oykoahb sade alatar paiterey ikin, etiga mũy paiter dena asaranê alaba ehna, makarawahb aharerá ehna anar tar ehna nõrĩ ehna asaranê ehna lab mi tar e, ete aka asíkiã ehna tar e, ebo oykoahb dena iwe ka tar e:

_ Ye tih yakina ih?

Dena iwe ka tar e. Eyab dena:

_ Boté eyá xikin ã?

Ikõr iter de aor iwe kar akay eka, ehna iwe ikay e:

_ Mũy paiter tesá, asaranê soa arerá anar tar poh, aikin e pamĩ poh.

Iwe ka ikõr na paiter de awetá eka e, ebo dena iwe ka ikay e:

_ Eh eti boté yakena poh!

Ehna iwe ka ikay e. Ete paiter de ikõr na awetá e dena e, ãaowuhb akah ehna oykoahb tar ehna e:

_Maité eka nãd aģina lab mi asaranẽ nõrĩ wá eka ma?

Dena ģaowuhb ka e, yaka ģuyá xikin ah yede na e, ebo ģaowuhb dena iwe ka ikay e:

_Iyeh.

Dena ikay e. Eyab dekena e, ihb sade paiterey ewá xiga xatog iter e, enepoh tar aka atohtẽ akah xikin ekar akah e. Ete paiter dena, e aje lab mi asaranẽ aikin e pami soa ahrerá anar tar tar e, ewe mi tedena asaranẽ tar e, ebo ģaowuhb dena iwe ka ehna tar e:

_Ye tih yakina ih?

Ehna tar e. Ete dekena, ahna akah meremã akah ikõr na paiter de awetá ma e, eka e:

_Asaranẽ te masá nõrĩ lab mi, soa arerá anar tar poh.

Dekena meremã ehna e, ewe ka ikõr iter dena iwe ka, ikay e:

_Eh eti yaka dena e!

_Dena iwe ka ikay e. Ebo paiter de ikõr iter na awetá ma e, dena iwe ka ehna, Wakawa mamiir ehna e:

_Yah keka nãd aģina lab mi asaranẽ nõrĩ wá ekah oģabi ma.

Dena wakawa ka e, ebo wakawa dena ikay e:

_Iyeh.

Ehna iwe ka e. Ebo wakawa dekena na e, paiterey ewá koy akah ehna, wẽ, wẽ, wẽ, akah e, paiter sade nõrĩ asaranẽ ene pikawa ka akah e, eyab dekena ikõr iter ka akah e:

_Ye te yakina nãyã!

_Aka e. Ebo ikõr iter dekena e, eh e paiter sade nõrĩ asaranẽ ekar akah ehna e, amitohta akah nõrĩ ehna ihb kapãhb mi akah e, kanõhģena ma akah mã e, etiga te paiter sade nõrĩ asaranẽ, edena lab mi asaranẽ e, ebo ikõr iter dena e, apikõyahb torerá aor ehna wabí pabi e, ebo apikõyahb emi aje mamataga e, etiga, matoraã ehna asárerá akah may itxa akah wabí koy e. Etiga paiterey jena ku, ku, ku ehna awekay e:

_Ah ikõr ni sá pawa yã!

Ehna e. Ebo oyey jena, etiga e, ay yabey mi ikay e, txib, txib, txib, ehna e. Ete ehna maey saba Moģuhd deor ehna amakab oyey ka asahrá aor ehna e:

_Waba mey peremi yab wã txĩma?

Ehna takay e, ebo tajena, ohne, ter baga ter ehna ikay e, eweka dena, mamug sade ur torerá yab alakará eĩhgá ipi e, ete dena, tabog, eyab dena ikõr eposã ĩh ehna e, eweka ikõr dena, manar ewa aje ekār ematxĩ e, eyab deor asárerá ehna, wũh,wũh,wũh, ehna e, ebo amawayã tẽ, ewe ka mawug sadena ah karba mi ehna ģarah ka ehna, wũh, wũh, wũh, ehna ni e. Ebo etiga oyey jena, ama yabey yõh we kar ehna ikay e, eyab dena awepika ehna ohne ehna takay e:

_Yeyá awekãra yã te meysá dina oğay e.

Dena awewã takay e.

Ete paiterey jena Moğuhd eka e:

_Emanortẽ beliã, eğar bote ikõr ni sinaye poh.

Tajena ikay e. Ebo Moğuhd dekena amanõrtẽ akah ehna ih abé ka ixaahb ibiahb esade ani e, eka e. Eyab ġoy waledey jekena ximalod, eyab mi ehna xima itxer aã aje ih pi e, emawa ehna ikay txar e. Ete ikõr iter na paiter de awetá ma e, edena, aĩh Moğuhd dema e, eka ehna, ġaowuhb emaka kabí ehna e, ikar eka oğabi ma ikay e. Eyab dekena, atohtẽ akah ehna ihb ka, akah ehna, kana soe mağã ma akah e, eyab dena waledey sadeka ixaahb ibiahb ka akah mã mamir:

_Ğorah, ġorah.

Akah mamalod eyõh ewe ikin e. Ete dekena ehna aje soe ikin e, ewe mã akah, ikõr iter ka akah e, ewe ka ikõr iter dena, ehna de meremã akay eka ikay e:

_Eh e te yakadena e.

Dena iwe ka ikay e. Ebo dekena ih abé ka ixaahb ibiahb sade ani e, ekabi mã akah e. Eyab ġoy jekena akah ixaahb ibiahb ka akah ehna, lobeyey eperemã akah ehna e:

_Ğorah, ġorah.

Ehna e, ete dena, ehna alaba ehna e, lohr, lohr, ehna apikõyahb bimaĩh ehna ixaahb ibiahb koxah ehna e, ayab ġoy jena Moğuhd sade amitohta, eh e koy e, ami koxah, xamiãahb koy, ehna apikõy bimaĩh ehna xaka e, ebo ikõr iter dena, eh e ehna Moğuhd aka e.

Ete lobeyey jekena e, ixaahb ibiahb koy akah, anu alade ani ehna aka ehna e, Moğuhd emalod eyõh aka ehna e:

_Ğorah, ġorah.

Ehna akah mamir e, ete Moğuhd dena ohne tapere maka te e, ebo lobeyey sade apere maka wagapi etiga solõhd ġa de aor ehna akamawa ehna lobeyey ka e, eweka lobeyey jena, ye boh iná xaka inã ih taje iweka e. Ete Moğuhd dena mosãahb na awetá asõni ajeka ih ka e, ka e.

Ebo yena, ikõr iter na paiter de awetá ma e, dena awepika ehna manã taje akay maey ka e. Mağer ter dena paiter de atohriwar ihb abí koy ma e, eka e, eyab nar dena aposã ĩh Moğuhd dema eka e. Ete ikõr iter na paiter de awetá ma e, Ģaowuhb, Oykoahb ey jena ġani koy akah ma e, ayabey sadena aperewe itxa ter ani e, ewe nekoy wawãey sadena tapere ígá ani e, soey nã tasade ah karbami ani eka ani e.

Depois do texto escrito, fizemos um momento de conversa sobre a narrativa para compreender melhor a história de *Oy je Ikõr iter nã awetá ewe* com as seguintes perguntas: Quem pode falar qual é o assunto da história que acabaram de ouvir? E onde aconteceu essa história? Quem são as pessoas da história? Que importância de significados tem gavião-real e peito-vermelho-grande para nós, Paiter? O que os pajés dizem sobre o gavião-real, peito-vermelho-grande, urubu e a mosca?

Então, com esses questionamentos que fiz na língua materna na oralidade, os alunos se interessaram em responder rapidamente, e cada um falou sobre a história, do que compreenderam ou que já sabia. Porém, todos disseram que a música que o ancião cantou a respeito da história, eles não conheciam. A maior parte dos alunos citou que gostaria de ser o gavião real, pelo símbolo de valentia que representa na narrativa, enquanto alguns pensaram que apenas queriam ser “um ser voante”.

Após conversarmos sobre o texto, pedi a cada um deles que escrevessem a parte que mais gostou da narrativa, porém, a aula terminou, e pedi que eles terminassem atividade em casa e que trouxessem na próxima aula. E foi assim, a aula nesse dia.

Terça-feira, 29 de março de 2022.

Das 14 às 15h50min

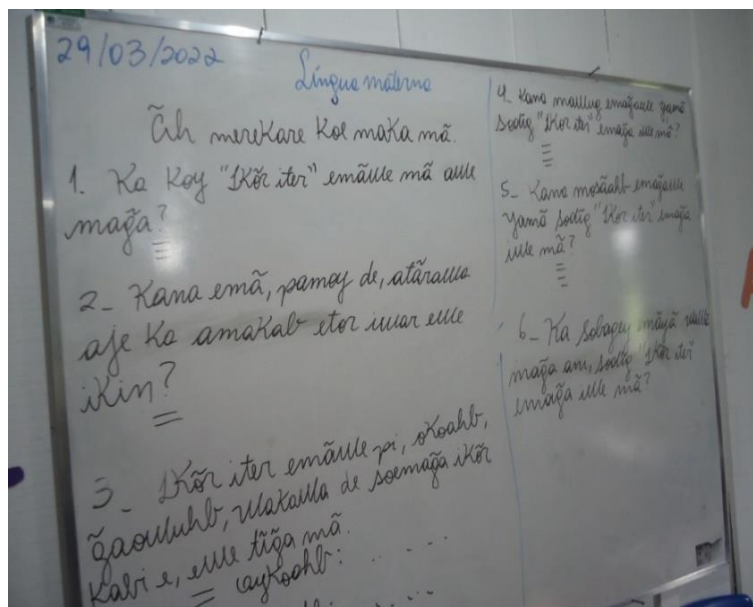
No dia 29 de março, no início da aula, recolhi a produção de texto que os alunos fizeram em casa, a partir do que ouviram e compreenderam da contação de história.

Depois que recolhi a produção de texto, pedi que cada aluno falasse sobre a história que escreveu. Todos eles falaram sobre o que registraram, e este momento foi enriquecedor, porque relataram verbalmente “o porquê decidiram escrever tal parte do texto” e também sobre a parte do texto que chamou mais atenção.

Quando todos acabaram de contar o que escreveram, distribuí o texto impresso para cada aluno para fazer a leitura do texto que estava escrito na língua Paiter.

Em seguida, escrevi na lousa as seis questões do texto, para que pudessem interpretar a respeito do que leram. Durante a aula, cada aluno foi fazendo as questões do texto individualmente, momento em que fui auxiliando para poder fazer a correção da escrita na língua materna ou também para ver se estavam respondendo corretamente as perguntas do texto, porque nesse processo de leitura e escrita é muito importante a mediação do professor.

Figura 7: Questões referentes ao texto *Ikõr Iter*



Fonte: Naraiel Paíter, 2022

Nesse processo, os educandos me questionavam para tirar dúvidas a respeito do texto ou simplesmente perguntavam sobre as questões do texto. Assim fui explicando da maneira que pudessem compreender. E no decorrer da aula, os alunos foram realizando as atividades propostas por mim. Nesse momento, a mediação do professor é muito importante, porque cabe a ele orientar e ajudar o aluno, tirando dúvidas e explicando o conteúdo, é o momento do diálogo no processo de ensino e aprendizagem.

Na figura 8, que segue abaixo, os alunos estão realizando a atividade de leitura e escrita sobre a história do gavião real.

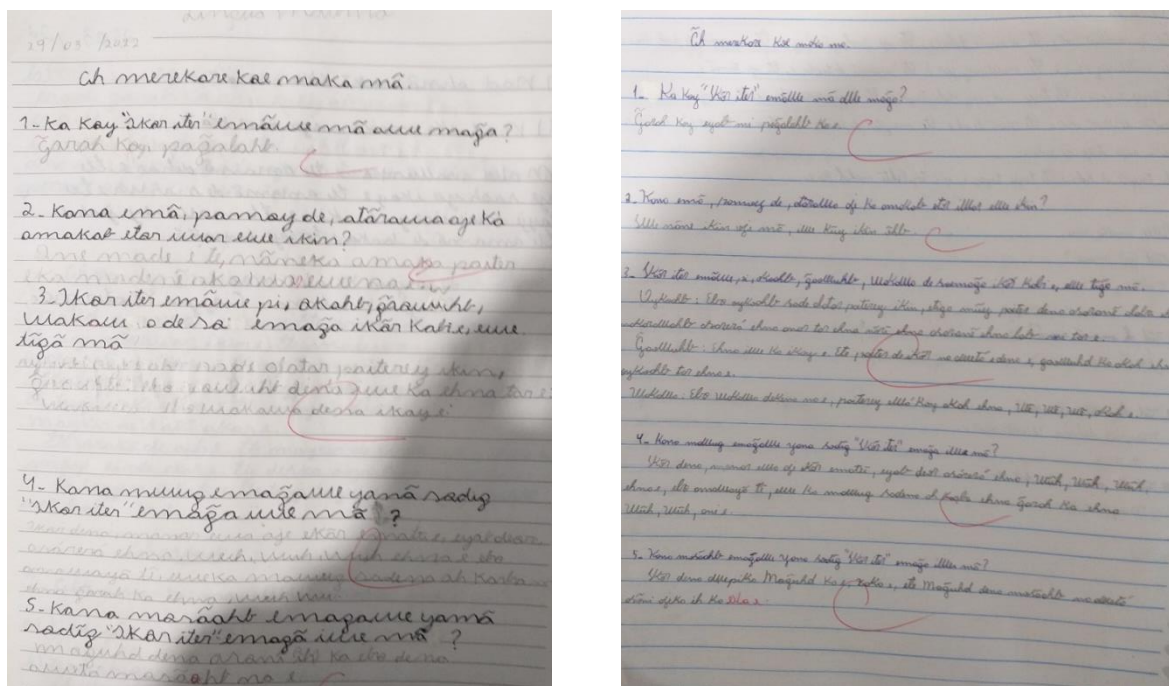
Figura 8: Momento de leitura e de escrita da história *Oy je Ikõr Iter nã awetá ewe*



Fonte: Naraiel Paíter, 2022

Neste dia, a aula foi produtiva, com escrita e reflexões orais, em que alguns momentos os alunos se ajudavam fazer as atividades da aula. E foi assim a aula nesse dia.

Figura 9: Atividades de leitura do texto *Oy je Ikõr Iter nã awetá ewe*



Fonte: Naraiel Paiter, 2022

Quarta-feira, 30 de março de 2022.

Das 14 às 15h30 min

Nas aulas seguintes, no dia 30 de março, passamos a mais uma proposta de atividade, que foi a pesquisa sobre os animais que consideramos sagrados para nós, Paiter. Essa

atividade foi proposta, a partir da leitura da narrativa *Oy je Ikõr iter nã awetá ewe*, que também traz em seu enredo animais como personagens e considerados importantes na cosmologia Paíter.

Para os alunos entenderem melhor sobre a proposta, apresentei na lousa, uma figura da mosca que desenhei, pintei e fiz a descrição da mosca na língua materna. E ao ver como fiz, os alunos me responderam que entenderam e deram início à atividade. Antes que os alunos iniciassem a atividade proposta, distribuí papel sulfite para cada um e, os poucos, todos foram escolhendo e dando o início ao desenho do animal que escolheu. Expliquei a eles que poeriam desenhar a figura dos animais que estão na história *Oy je Ikõr iter nã awetá ewe* ou escolher outros animais que são sagrados para nosso povo.

WAKAWA



Wakawa esadena wẽ, wẽ, asarkar ġarah ka ani e, ete yakadena solõhd pãye kanẽ iter ani e. Ebo yakadena neg agã soe pãy aladeka ani e, ewe ka paloh sade ohne akanhah pãy ãhtẽ ikay ani e, ehna te amalod mãy ãhtẽ õhb ikay ani e. Ete Paiter sade, asarkar wakawa sade ahnar ahbi taka asarkar pereb, pereb eka, oíkĩd soe sá nōrĩ ih, ehna iwe ka ani e.

(Naraiel Paiter Suruí)

No decorrer da aula, alunos e alunas foram dando o seu melhor para que o desenho saísse com perfeição. E neste momento, fui acompanhando o desenho de cada um, e percebi

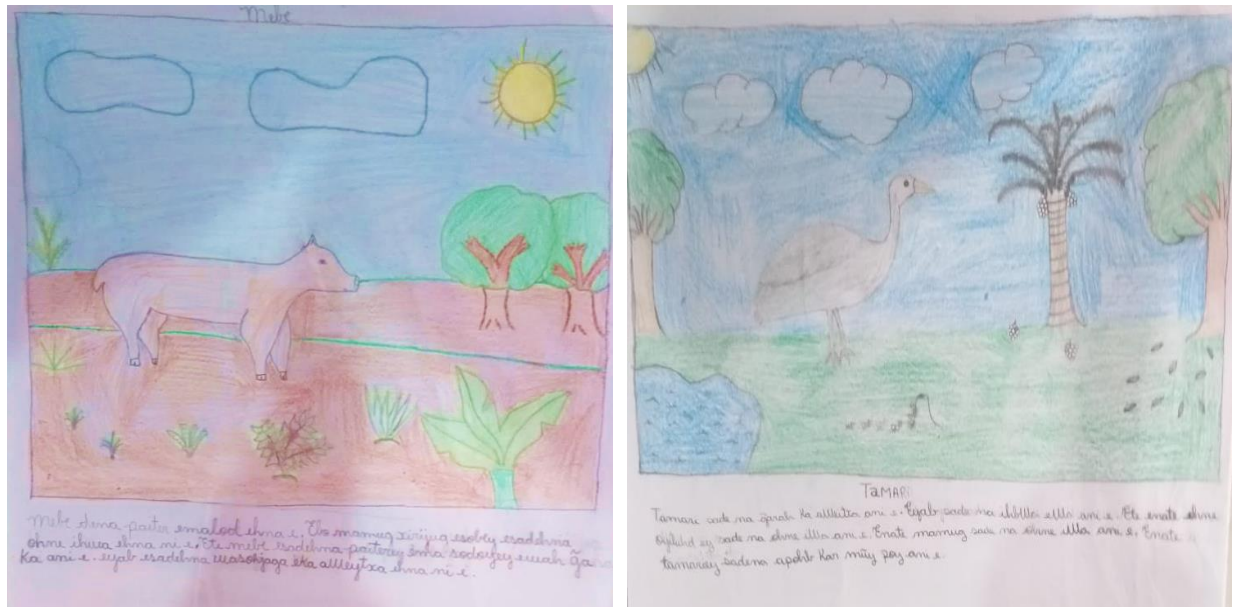
que estavam gostando de desenhar. Ao passar pelas carteiras, de cada aluno, vi que estavam desenhando jacamim, anta, jacaré, gavião, cobra, porcão do mato e tatu galinha. Ao terminarem ao desenho e a pintura, começaram a descrever, na língua materna, o animal que escolheram.

Figura 10: Atividade sobre os animais sagrados para os Paíter



Fonte: Naraiel Paíter, 2022

Depois das ilustrações, e para conceituar melhor sobre o animal, tiveram que sair na aldeia para poder perguntar para alguém a respeito do animal. E depois voltaram para sala de aula para descrever na língua materna. E com isso fui auxiliando e corrigindo a escrita da língua materna. Ao final da aula, todos me entregaram a atividade, conforme podemos observar na figura 11 que apresento a seguir.



Fonte: Naraiel Paíter, 2022

Segunda-feira, 04 de abril de 2022.

Das 14 às 15h50min

No dia 04 de abril, brincamos de jogo da memória, com palavras retiradas da narrativa sobre o gavião real. Os alunos gostaram de jogar, é uma forma de variar o ensino da escrita e leitura da língua Paíter, portanto, nesse dia os alunos se distraíram na lousa para poder jogar o jogo de memória de palavras Paíter. Assim terminamos as atividades referente à narrativa do gavião real, assim, iniciei outras atividades com textos na língua materna a respeito de algumas árvores, palmeiras e outras plantas, pois achei importante oportunizar aos alunos outros conhecimentos da comunidade Paíter.

Figura 12: Alunos brincando com o jogo da memória



Fonte: Naraiel Paiter, 2022

Terça-feira, 05 de abril de 2022.

Das 14 às 15h50min

No dia 05 de abril de 2022, às 14 horas, entreguei aos alunos em uma folha de sulfite, as atividades com os trechos da história de gavião real. Pedi aos alunos que analisassem as palavras que indicam o tempo do acontecimento, como por exemplo, “mater iter” “Há muito tempo atrás”. E também pedi que os alunos completassem os trechos com palavras que estavam faltando.

Os alunos fizeram individualmente e, conforme iam terminando, me entregavam a atividade para eu fazer a correção. Depois fiz a correção na lousa, e assim foi a nossa aula nesse dia.

Quarta-feira, 06 de abril de 2022.

Das 14 às 15h50 min

Como foi importante e precioso os momentos dos dias das aulas para poder pesquisar, descrever e argumentar a respeito da educação escolar Paiter, que sempre existiu para sobrevivência e resistência do nosso povo. No dia 06 de abril de 2022, na Escola Estadual Indígena Sertanista Apoená Meirelles, entreguei aos alunos o texto impresso: *Ëa ma sodoyey*, que quer dizer “A produção da roça”.

Ĝa ka aje sodoy ikin eka sobagey sade iwa iter ani e, ebo ewe nekoy Paiter kabi sodoy sadenã aõh ani e. Mebekodey sadenã soáh, meeg eyab mi mõi ewa iter, ĝa ka ani e. Ete ehna te wasa sadenã ibogah sïhd, mõi sïhd ewa makanhãhwe sohta ani e. Ete mawenã te moralá ayab mi wakĩ sadenã makahb ewa maõh ani e. Ete, yena sobagey sade ka Paiter sadena aka alawata ter ehna ama sodoy ikin ani e.

Eu li o texto escrito na língua materna Paíter, expliquei aos alunos que a aula apenas seria de oralidade, para poder refletir sobre o conteúdo do texto. O texto tratava sobre o que os Paíter plantam na roça, como são a produção e a colheita, quais os animais gostam de comer a produção da roça. Com isso, os educandos começaram a falar da situação da roça familiar, citando animais, como a anta que gosta de comer as folhas da planta de mamoeiro e da mandioca; a cutia que gosta de comer o amendoim e os catetes que gostam de comer cará, batata-doce e mandioca. Todos se expressaram, dizendo que a roça é uma das fontes para alimentação das famílias. Às 15h50min, a aula de reflexão terminou, e foi muito importante nesse dia.

Figura 13: Alunos discutindo sobre a produção da roça



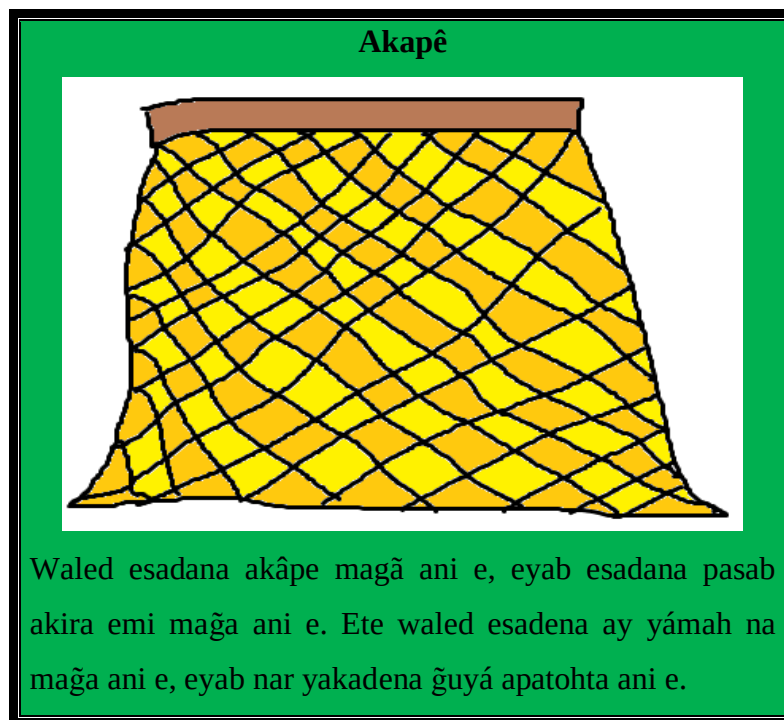
Fonte: Naraiel Paiter, 2022

Segunda-feira, 11 de abril de 2022.

Das 14 às 15h50min

No dia 11 de abril de 2022, escrevi na lousa o texto *Akapê*. O texto descreve a respeito do assento feminino para as mulheres Paíter. E nesse dia, os alunos puderam escrever o texto no caderno, juntamente comigo, na língua materna. Eles fizeram leitura e depois responderam as atividades. Todos se ajudaram para realizar as atividades, enquanto isso fui passando carteira por carteira para orientar e para fazer a correção de escrita e da interpretação de texto.

No final das atividades de escrita do texto proposto, pedi que fizesse no caderno o desenho de *Akapê* (assento feminino). Abaixo, trago exemplo dessa atividade.



Segunda-feira, 18 de abril de 2022.

Das 14 às 15h50min

No dia 18 de abril de 2022, escrevi na lousa algumas atividades com palavras de verbos na língua Paiteer. E nessa atividade pedi que os alunos completassem as frases escritas com verbos, como por exemplo: “Ye sodġ ikin ma: Ete pamoyey jekena ãh ter ikôr mug sade: _ xoram, xoram, xoram! _____ pi e. Ebo tajena: _ Apug itxa boh yakina ĩ. _Iweka awekay e. Ebo tajena awekay: _Yakeka ikôr mug aã ma! _ Ehna awe kay e, ete tajena: _Iyeh. _Ehna awekay.”

Depois que todos os alunos terminaram de escrever da lousa, fui auxiliando para eles compreenderem. Todos fizeram as atividades individualmente, lendo e fazendo a concordância das frases incompletas, com os verbos. Enquanto faziam as atividades, eu passava carteira por carteira, orientando cada aluno.

Quero finalizar este relatório de aulas, dizendo que estar no dia a dia na escola da aldeia é contribuir para a sociedade Paiteer, em que vivo cotidianamente. Então, nesse caso, para mim é uma forma de incentivo e de responsabilidade com a comunidade.

Na escola foi muito prazeroso trabalhar com ações planejadas, dialogando com nossos saberes tradicionais, em prol da educação escolar da aldeia local. Sei que fazer pesquisa não é fácil, porque nada é pronto, tem que ser construído, no entanto, ao indagar e descrever sobre

o ensinar da escrita da língua Paíter é como se fosse “um olhar para ver o que está acontecendo e o que falta para desenvolver no processo de ensino e aprendizagem”.

O professor, alunos, anciãos, funcionários e a comunidade precisam dos resultados dos estudos e da pesquisa, pois a aprendizagem é contínua. E a escola da aldeia é referência para as pessoas da comunidade, pois olham para ela como espaço para ensinar a leitura e a escrita de nossa língua materna. E, quanto a isso, compreendo que a escola tem o dever de registrar as narrativas mitológicas, a cosmologia, a música, entre outros saberes, como os processos do fazer artesanatos e participar das cerimônias do povo Paíter. E o que quero dizer com isso? Quero dizer que a nossa escola é uma instituição da comunidade para manter e preservar a identidade do nosso povo. As crianças e jovens, que são alunos na escola da aldeia, são para o povo Paíter, futuros Paíter que prosseguirão resistindo e lutando, juntamente, com a escola por uma educação específica e diferenciada e que atenda aos anseios do povo Paíter.

Nesse sentido, descrever uma das narrativas Paíter, mostrar a minha experiência na educação escolar Paíter e registrar a escrita da língua materna, para mim é uma grande contribuição ao meu povo Paíter.

Além disso, elaborar um material pedagógico para estudo da língua escrita para as escolas Paíter é contribuir para o desenvolvimento do ensino escolar, pois antes de tudo, não possuíamos o material com o sistema da língua escrita, portanto, permanecia a importância do uso da oralidade e, ao mesmo tempo, as práticas para a transmissão de conhecimento e tradição do nosso povo Paíter.

Como nosso povo Paíter não tinha o sistema da escrita anteriormente no ensino tradicional, com a implantação das escolas nas aldeias Paíter, no início, veio a escrita das palavras que não favorecia a língua Paíter. Assim passou-se a estudar a escrita das sílabas, palavras, frases, textos e gramática da língua portuguesa na escola, até que chegou a hora de estudar a língua Paíter por meio da escrita. É preciso aprofundar a sistematização da gramática Paíter, a estrutura das palavras, sons, sílabas e contextos das funcionalidades das palavras, visando a produção de material didático específico para nossas escolas. E produzir material pedagógico para o ensino da língua Paíter é pensar na preservação da língua e, ao mesmo tempo, registrar o conhecimento que pode permear e ser reflexivo no ensino de língua na escola.

O material pedagógico da língua Paíter é o auxílio utilizável para o educador, em que o uso na oralidade da língua se torna concreto ao ser registrado e para ser estudado e o planejar do educador seja acessível pelo material, e ainda que a gramática e o dicionário da

língua Paíter não esteja desenvolvido, é convicto que criando materiais pedagógicos através de pesquisas que isso seja para que haja o material de gramática e dicionário da língua Paíter.

Hoje a língua Paíter é viva e está no ser Paíter e, este, a mantém no ambiente escolar e na aldeia, por meio da oralidade quando a usa para dialogar. O material pedagógico serve para ensinar a escrita da língua Paíter, o material pedagógico é concreto para que o ser Paíter veja a escrita, o símbolo para estudar e, assim, possa dialogar e se comunicar, também, por meio da descrição da língua.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de demonstrar o quanto são importantes as histórias que o povo Paíter traz consigo, valorizando e respeitando os saberes tradicionais que há entre o nós, Paíter, e a natureza.

Este trabalho nos permite compreender o quanto é possível o ensino da língua Paíter por meio das histórias que o povo preserva e que mantém, passando de geração a geração. O ensino através de histórias Paíter é mais um motivo para que as novas gerações continuem a valorizar as nossas narrativas mitológicas e cosmológicas, e que continuem a respeitar o saber tradicional.

Nas aldeias dos Paíter, os sabedores são as pessoas que carregam e guardam consigo os saberes tradicionais e que são encarregados de repassar as narrativas e os ensinamentos das práticas culturais. Quanto a isso, a escola Paíter tem procurado ser aliada do povo e, juntamente com os sabedores, tem sido o espaço, no qual os conhecimentos tradicionais são ensinados pedagogicamente, com a escrita, desenhos, práticas eventuais e por meio da oralidade.

Cabe nos tempos de hoje, os registros de narrativas, pois para nós, Paíter, elas carregam em si a explicação de como foram os acontecimentos com os primeiros seres que povoaram o mundo da floresta, como também trazem consigo os significados das coisas que os Paíter têm utilizado. No caso da lenha, por exemplo, o Paíter, na roça, não pode procurar qualquer lenha, porque tem a lenha que o *Palob* deixou para ser a lenha boa. E tem também a explicação das coisas da natureza, no caso do céu ser distante da terra, tem uma história Paíter que relata sobre esse acontecimento. E por que estou me referindo a isso? Para poder dizer por que razão os Paíter têm preservado as histórias tradicionais e como é importante estudar na escola, as nossas narrativas míticas. Essas narrativas nos permitem sentir o significado e os conceitos que as histórias trazem consigo, quanto podem ajudar na escrita da língua, quanto pode contribuir para desenvolver a sistematização da gramática da língua para ser estudada na escola continuamente. No início da escrita da língua Paíter, as palavras foram transcritas sem conceitos para contextualizar a realidade.

Enfim, posso dizer que esse registro escrito de uma das histórias dos Paíter tem a contribuir para o povo e para a educação escolar Paíter. Ensinar nossas narrativas na língua materna, por meio de práticas de leitura e da escrita, é uma das formas de registrar nossos conhecimentos ancestrais, juntamente com a escola, aliando oralidade e escrita no contexto escolar.

Posso dizer que as atividades escritas estão introduzidas em cada saber Paiter e podem estar presentes no ensino de língua Paiter. Além disso, pode ser uma iniciativa para outras aldeias Paíter mostrar como podem ser planejadas e desenvolvidas as aulas com os nossos saberes tradicionais.

5 REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1998**. Brasília, 1997.
- BRASIL. **Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar**. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1994.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1998**. Brasília, 1997.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- GOMES, Antonio Almir Silva. Interculturalidade e decolonialidade na educação escolar indígena: o papel da língua indígena. In: GOMES, Antônio Almir da Silva (Org). **Ensino de línguas e educação escolar indígena**. Macapá: UNIFAP, 2019. Disponível em: <https://www2.unifap.br/editora/files/2020/08/ensino-de-linguas-e-educacao-indigena.pdf> Acesso: 11/08/2022.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MOORE, Denny. **Classificação interna da família linguística Mondé**. Estudos Linguísticos, v. 34, p. 515-520, 2005.
- PAITER SURUI, Naraiel. **Palavras polissêmicas na língua Paiter-Surui**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural Indígena. UNEMAT. Barra do Bugres-MT, 2016. Disponível em: <http://portal.unemat.br/media/files/Naraiel.pdf> Acesso: 11/08/2022.
- PAITER SURUI, Naraiel. **A classe de verbos na língua Paiter (Família linguística Mondé, Tronco Tupi)**. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena (PPGEI). Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Trabalho de Conclusão de Curso-Especialização, 2019.
- PAULA, Eunice Dias de. O ensino de línguas nas escolas indígenas. In: BRAGGIO, Silvia Lúcia Bigonjal (Org). **Estudos de línguas e educação indígena**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- PIMENTEL-DA-SILVA, M. do S. Políticas de retomada de línguas indígenas em diferentes contextos epistêmicos. **Articulando e Construindo Saberes**, Goiânia, v. 4, 2019. DOI: 10.5216/racs.v4i0.59089. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/racs/article/view/59089>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras**. São Paulo: Loyola, 1986.
- SILVA, Maria. Socorro. Pimentel. da. As línguas indígenas na escola: da desvalorização à revitalização. **Signótica**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 381–395, 2007. DOI: 10.5216/sig.v18i2.2793. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/2793>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- SURUI, José Itabira. **Oy je Ikõr iter nã awetá ewe**. (Fonte oral) Epistemologias Paiter. Terra Indígena Sete de Setembro. Aldeia Sertanista Apoená Meirelles. Rondolândia, 2022

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática:** ensino plural. São Paulo: Cortez, 2003.

ANEXO
PRODUTO PEDAGÓGICO

SODIG ESED MĀWE, PAITER KOE TIG SAMEH MĀWE



NARAIEL PAITER

Editores: Mônica Cidele da Cruz

Capa: Tibério Oyniemaad Surui

Diagramação:

Revisão Ortográfica: Naraiel Paiter

CONSELHO EDITORIAL

Adailton Alves da Silva – UNEMAT

Angel Corbera Mori – UNICAMP

Antônio Malheiros – UNEMAT

Carlos Edinei de Oliveira – UNEMAT

Eunice Dias de Paula – SEDUC/CIMI

Jaime José Zitkoski – UFRGS

João Severino Filho – UNEMAT

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira – UNEMAT

Lúcia Helena Alvarez Leite – UFMG

Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT

Maria Aparecida Bergamaschi – UFRGS

Maria Aparecida Rezende – UFMT

Mônica Cidele da Cruz-UNEMAT

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira – UNEMAT

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

- SURUI, Naraiel Paiter.
- S961s Sodig Esed Māwe, Paiter Koe Tig Sameh Māwe / Naraiel Paiter Surui - Barra do Bugres, 2022.
101 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)
- Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em
Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural
Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado
de Mato Grosso, 2022.
Orientador: Mônica Cidele da Cruz
1. Educação Escolar Paiter. 2. Ensino de Língua Materna. 3.
Leitura. 4. Escrita. 5. Gramática. I. Naraiel Paiter Surui. II. Sodig
Esed Māwe, Paiter Koe Tig Sameh Māwe: .
CDU 376

Pamamerewe yōwe

Paiter sade paloh makobá ani e, sodĩhg eyab mi paiterey sadaye itxĩg ikin ey, ah sodĩg emagawe de Paiter koe ka ģobawe kabi awe maġa e.

Ete ah ģobawe ahb de awe maġa Paiter koe tĩg eka kabi ewe dena iwe maġguye iter e, ewe kabi mã aje awe maġa eka e.

Ete ah ģobawe ahb dena ahna bo Paiter sá akoe ka akobá ani poh yede amakab nã awe maġa e.

Ebo dena ensino fundamental ey kabi awe maġa e, 6º eyab mi 9º anoey kabi e.

ĜOBAWE: Oy je ikōr iter nā awetá ewe: oy je ikōr iter nā awetá ewe

_Kana te pey aĝa paiterey, ate mey sá meremāwe piwe kanē ani ĭ? Kana meremāwe sade ewe piwe kanē mey aĝa ani? Nād aĝa meremā mey kay ani? Ate mā sá meremāwe sed aláh nā ĭ?

_Bo eh ete!!! Paba may ité palar sade meremāwe itxa awe kay ani e, ewe pi mā. Ete waba iwama merekar pey kay mā:

_ Ate mā sá ewe ka palar sá aíte tere itxa soey māwe nā ani ĭ? Paba ewe ka iwe mā pawe kay ĭ?

Oy je Ikōr iter nā awetá ewe

Mater iter, panāg dena ahna ma e, awekar alaba ikōrey xab lihd ikin, ihkabkod mere tar e. Ebo dena apug itxa yakina ĭ, ehna abohta yakade itxar eka ikay e. Ebo madekena ikōr xab lihd ikin oĭyā aka ehna aperā amakab ĝa e, ete tajenah awe kay e:

_ Pamaka iwe ikin ma!

Ehna awe kay e. Ete pamoyey jekena āh ter ikōr mug sade:

_ Xoram, Xoram, Xoram!

Awagá ewe pi e. Ebo tajena:

_ Apug itxa boh yakina ĭ._

Iweka awekay e. Ebo tajena awekay:

_Yakeka ikōr mug aā ma!

Ehna awe kay e, ete tajena:

_Iyeh. Ehna awekay.

Ete de “Iyeh” dema e, dena abekāyahb aĝa awāna wekabi e, ete dekena, poroh pāg, poroh pāg. Ehna awāna e, iħb aĝa mā e. Ebo dekena, ahnē akah ikōr xab lihd eka e, ebo dena amakab esade ĝoy txar eka e:

_Āh tete yakana poh, eyab nesá ixiruhd iter poh.

Ete xamakab sade ĝoy txar, edenā iwe pi ōhb aje eka, ehna iwe kar maité ikay e:

_Kanā? Kanā ter bo yaĝa ixiruhd ah?

Ayab weka dena iweka ikay e:

_Boté lade ixiruhd yakiāh eĝay e.

Wá iõhb ner ãoytxared dena maité, ehna merekar ehna tar e. Ebo, ihb ahbikoy yedena, merekar itxer masade akay, eka ehna atãrawa ehna iwe ka e, ebo dena awẽhtẽ ehna amakab ãa ahna e:

_ Boté lade ixiruhd yaka eneyedey perpi peremĩ yã eãay e!

Ebo ãoytxared dena iwe kuy ikin õhb, ehna amakab de, akay eka e. Ebo dena iwe ka ehna, pukub ehna nabea mã e, ebo awãna amakab de ihb emi ma e, eyxar e, ahgoy mamaãay eréh ehna e, ayab we itxa aka amakab etor iwar wabikoy e. Ebo Paiter de awãna ma e, dena awaga, xĩ, xĩ e. Ehna wabikoy awaga ãarba itxa ehna e, etiga te ikõr mug dena aar pi ehna ikay e:

_ Kanẽãina ewaga ihná?

Ehna iwe ka ikay e, ebo dena iwe maka ehna iwe ka ikay e:

_ Oyĩbi ihgá te mã yana poh, ete lada na e, ehna lana ohgoy iõhb lada na e.

Dena iwe ikay e, ebo ikõr mug dena iweka ikay e:

_ Emaã bolá maré.

Ehna iwe ka ikay e, ete Paiter sade ihb abikoy, e dena:

_ Iyeh.

_ Ehna iwe ka ikay e. Ebo ikõr mug dena, aposãahb e pi ehna, day, ebo jag ehna ixi mi, yakawa ka e, ebo dena yuhuy ehna yakawa alar ka e, etiga te dena:

_ Txog, txog, txog.

Ehna ama ikõr nẽh e. Ebo dena, e pi ikay e:

_ Eãaye, olobey je aor eka, aligáre, tapamiré.

Dena ikay e, ahna te yakaye ahnẽ ajeka egõah kamã aye, txog, txog, txog, apikõy kor tiga egõah mahpáwe ixoh wemã poré, dena meremã ikay e. Ebo yena Paiter dena ama ikõr nẽh e.

Ebo epi ikõr mug esobey jena aor ehna arimẽey yabáwerá aor ehna ãakorah mabi ehna tar e, eyab dena, apug itxa ehna manoh ikin e, eyab dena ikay e:

_ Nãd ama nãh?

Ebo ikõr mug dena iwe ka asob ãa e:

_ Omalod akad laã toyanã poré!

Dena asob ãa iweka e. Ebo xixob dena iwe ka ehna:

_ Txog, txog, txog.

Ehna pasapé ema páh, ehna xaãoah kamã ehna iweka e, ayab dena ohne ehna, dããa te, ehna iwe ka e, ebo ikõr mug esob dena iwe ka ikay e, xitxate anar palá maih, ehna apug ka e.

Ebo ikõr iterey jena paiter de ama ikõr nêh e, emakobawe na, ehna pamaka ġakorah ma ikay e. Ebo dena, tay itxa aka ġakorah iweka e, eyab ġoy paiter de, ama ikõr nêh e, dena ohne soaka te ehna e, ebo ikõr mug dena, arimê aka aje yõh ehna iweka ikay e:

_ Aka oiãh eyaye ré.

Ehna ixar õh ehna iwe ka ikay e. Ete ikõrey jena, ġakorah aje pi ehna, ahnê ehna awá kabi e, etiga te, tajena paiter ema ikõr nigá aje ma e, eka e:

_ Nãd aka ema?

Ebo dena iwe takay e:

_ Ah aka toy apoh!

Ehna arimê sar õh ehna takay e. Ebo ehna te, ikõrey jena makalá ka te, ehna te e, ġakorah ré tajena awekay e. Ebo tajena arigá ehna, etiga apopíd aka e, ete etiga paiter de, ama ikõr nêh ma e, dena aíd aka te e, ewe ka tajena iwe kuy ikin ikay e. Ebo dena ehna te, ehna akobá weor tamakab iter na awetá e. Ete yena paiter dena awetá ehna ikõr iter na ma e.

Ete paiter de, ama ikõr nêh ma e, dena ikõr iterey ka e, apakob míd nêh aje taperemi eka e:

_ Ye ahne bar ah, anu paiter de onor iwar ihb abikoy ma e, ekar ma ih, waba owepíka ikay aye.

Dena takay meremã e, ebo ikõrey jena, ehna te bela kayã ehna ikay e. Ete dekena, paiter de ator iwar ihb abikoy ma e, ekar yede kanê alade ka ehna e, oykoahb emamir ehna e. Eyab dena oykoahb ka e:

_ Ohma pãy eka ma.

Dena ikay, ebo oykoahb dekena, paiterey ewáh xiga aka ehna atohtê ihb atog iter abikoy ehna pereka e. Ebo oykoahb sade alatar paiterey ikin, etiga mûy paiter dena asaranê alaba ehna, makarawahb aharerá ehna anar tar ehna nõrĩ ehna asaranê ehna lab mi tar e, ete aka asíkiã ehna tar e, ebo oykoahb dena iwe ka tar e:

_ Ye tih yakina ih?

Dena iwe ka tar e. Eyab dena:

_ Boté eyá xikin ã?

Ikõr iter de aor iwe kar akay eka, ehna iwe ikay e:

_ Mûy paiter tesá, asaranê soa arerá anar tar poh, aikin e pamĩ poh.

Iwe ka ikõr na paiter de awetá eka e, ebo dena iwe ka ikay e:

_ Eh eti boté yakena poh!

Ehna iwe ka ikay e. Ete paiter de ikõr na awetá e dena e, ġaowuhb akah ehna oykoahb tar ehna e:

_Maité eka nãd aġina lab mi asaranẽ nõrĩ wá eka ma?

Dena ġaowuhb ka e, yaka ġuyá xikin ah yede na e, ebo ġaowuhb dena iwe ka ikay e:

_Iyeh.

Dena ikay e. Eyab dekena e, ihb sade paiterey ewá xiga xatog iter e, enepoh tar aka atohtẽ akah xikin ekar akah e. Ete paiter dena, e aje lab mi asaranẽ aikin e pami soa ahrerá anar tar tar e, ewe mi tedena asaranẽ tar e, ebo ġaowuhb dena iwe ka ehna tar e:

_Ye tih yakina ih?

Ehna tar e. Ete dekena, ahna akah meremã akah ikõr na paiter de awetá ma e, eka e:

_ Asaranẽ te masá nõrĩ lab mi, soa arerá anar tar poh.

Dekena meremã ehna e, ewe ka ikõr iter dena iwe ka, ikay e:

_Eh eti yaka dena e!

_Dena iwe ka ikay e. Ebo paiter de ikõr iter na awetá ma e, dena iwe ka ehna, Wakawa mampir ehna e:

_ Yah keka nãd aġina lab mi asaranẽ nõrĩ wá ekah oġabi ma.

_Dena wakawa ka e, ebo wakawa dena ikay e:

_ Iyeh.

_Ehna iwe ka e. Ebo wakawa dekena na e, paiterey ewá koy akah ehna, wẽ, wẽ, wẽ, akah e, paiter sade nõrĩ asaranẽ ene pikawa ka akah e, eyab dekena ikõr iter ka akah e:

_ Ye te yakina nãyã!

_Aka e. Ebo ikõr iter dekena e, eh e paiter sade nõrĩ asaranẽ ekar akah ehna e, amitohta akah nõrĩ ehna ihb kapãhb mi akah e, kanõhġena ma akah mã e, etiga te paiter sade nõrĩ asaranẽ, edena lab mi asaranẽ e, ebo ikõr iter dena e, apikõyahb torerá aor ehna wabí pabi e, ebo apikõyahb emi aje mamataga e, etiga, matoraã ehna asárerá akah may itxa akah wabí koy e. Etiga paiterey jena ku, ku, ku ehna awekay e:

_Ah ikõr ni sá pawa yã!

_Ehna e. Ebo oyey jena, etiga e, ay yabey mi ikay e, txib, txib, txib, ehna e. Ete ehna maey saba Moġuhd deor ehna amakab oyey ka asahrá aor ehna e:

_Waba mey peremi yab wã txĩma?

_Ehna takay e, ebo tajena, ohne, ter бага ter ehna ikay e, eweka dena, mamug sade ur torerá yab alakará eĩhgá ipi e, ete dena, tabog, eyab dena ikõr eposã ãh ehna e, eweka ikõr dena, manar ewa aje ekãr ematxĩ e, eyab deor asárerá ehna, wũh,wũh,wũh, ehna e, ebo amawayã tẽ, ewe ka mawug sadena ah karba mi ehna ġarah ka ehna, wũh, wũh, wũh, ehna ni e. Ebo etiga oyey jena, ama yabey yõh we kar ehna ikay e, eyab dena awepika ehna ohne ehna takay e:

_Yeyá awekãra yã te meysá dina oğay e.

_Dena awewã takay e.

Ete paiterey jena Moğuhd eka e:

_Emanortẽ beliã, eğar bote ikõr ni sinaye poh.

_Tajena ikay e. Ebo Moğuhd dekena amanõrtẽ akah ehna ih abé ka ixaahb ibiahb esade ani e, eka e. Eyab ğoy waledey jekena ximalod, eyab mi ehna xima itxer aã aje ih pi e, emawa ehna ikay txar e. Ete ikõr iter na paiter de awetá ma e, edena, aĩh Moğuhd dema e, eka ehna, ğaowuhb emaka kabí ehna e, ikar eka oğabi ma ikay e. Eyab dekena, atohtẽ akah ehna ihb ka, akah ehna, kana soe mağã ma akah e, eyab dena waledey sadeka ixaahb ibiahb ka akah **mã** mamir:

_Ğorah, ğorah.

_ Akah mamalod eyõh ewe ikin e. Ete dekena ehna aje soe ikin e, ewe mã akah, ikõr iter ka akah e, ewe ka ikõr iter dena, ehna de meremã akay eka ikay e:

_ Eh e te yakadena e.

_Dena iwe ka ikay e. Ebo dekena ih abé ka ixaahb ibiahb sade ani e, ekabi mã akah e. Eyab ğoy jekena akah ixaahb ibiahb ka akah ehna, lobeyey eperemã akah ehna e:

_Ğorah, ğorah.

_Ehna e, ete dena, ehna alaba ehna e, lohr, lohr, ehna apikõyahb bimaĩh ehna ixaahb ibiahb koxah ehna e, ayab ğoy jena Moğuhd sade amitohta, eh e koy e, ami koxah, xamiãahb koy, ehna apikõy bimaĩh ehna xaka e, ebo ikõr iter dena, eh e ehna Moğuhd aka e.

Ete lobeyey jekena e, ixaahb ibiahb koy akah, anu alade ani ehna aka ehna e, Moğuhd emalod eyõh aka ehna e:

_ Ğorah, ğorah.

_ Ehna akah mamir e, ete Moğuhd dena ohne tapere maka te e, ebo lobeyey sade apere maka wagapi etiga solõhd ğã de aor ehna akamawa ehna lobeyey ka e, eweka lobeyey jena, ye boh iná xaka inã ih taje iweka e. Ete Moğuhd dena mosãahb na awetá asõni ajeka ih ka.

Ebo yena, ikõr iter na paiter de awetá ma e, dena awepika ehna manã taje akay maey ka e. Mağer ter dena paiter de atohriwar ihb abí koy ma eka e, eyab nar dena aposã ĩh Moğuhd dema eka e. Ete ikõr iter na paiter de awetá ma e, Ğaowuhb, Oykoahb ey jena ğani koy akah ma e, ayabey sadena aperewe itxa ter ani e, ewe nekoy wawãey sadena tapere ígá ani e, soey nã tasade ah karbami ani eka ani e.

Sodĩg íxoh koy pawekay... paba “Ikõr iter” emãwe sameh ikin mã

a) Nãd emağa eehwe koy meremãwe yá nãyã ani?

b) Kakoy meremãwe mã awe mağa? Nãdey mã paiterey nã meremãwe koy sodĩg ģa?

c) Kawe same yõ Ikõr iter eyab mi ģaowuhb emağa paiterey ka ani?

d) Kanã wawãey yağa Ikõr iter, ģaowuhb, oykoh eyab mi wakawaey emã ani?

Ãh merekare koe maka mã

a) Kakoy “Ikõr iter” emawe mã awe mağa

b) Kana emã, pamoy je, amakab etor iwar atãra aje ka ewe ikin?

c) Ikõr iter emãwe pi, oykoahb, ãaowuhb, Wakawa de soemaãa ikõr kabi e, ewe tĩãa ma.

d) Kana mawug emaãgawe yamã sodĩg “Ikõr iter”, emaãa iwe mã?

e) Kana mosãahb emaãgawe yamã sodĩg “Ikõr iter” emaãa iwe mã?

f) Ka sobagey emayã wawã maãa ani, sodĩg “Ikõr iter” emaãa iwe mã?

Sodĩg aḡawe – Sobagey sade Paiter kabi xameh píd ani ey

Paba sobagey sade Ikõr iter emãwe koy, ey íxoh tĩg aki mã ehna te maey sobagey sade xameh píd Paiter kabi ani ey! Ete iwãmaka paba wakawa mãwe tĩg ikin.

Wakawa


Wakawa esadena wẽ, wẽ, asarkar ḡarah ka ani e, ete yakadena solõhd pãye kanẽ iter ani e. Ebo yakadena neg aḡa soe pãý aladeka ani e, ewe ka paloh sade ohne akanhah pãý ãhtẽ ikay ani e, ehna te amalod mãý ãhtẽ õhb ikay. Ete Paiter sade, asarkar wakawa sade ahnar ahbi taka asarkar pereb, pereb eka, oíkĩd soe nõrĩ íh, ehna iwe ka ani e.

Sodĩg ema merekar e

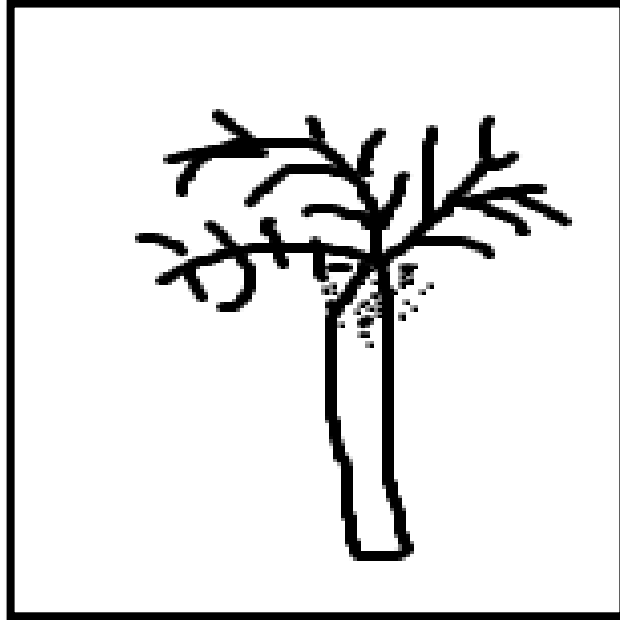
1. Nãd wakawa mi nã?

2. Kawe ka pağa yakab wakawa ka ani?

3. Nãd ekanẽh iter wakawa mağa ani? Kakoy yağa awe itxa ani?

4. Nadey yağa verboey (ğoe sade soe kala mã ani e) ehnã meremãwe koy?

Paba Paiter koe tīg emi, ah sodīg esade ikin ma



Yoíhd

Yoíhd ekad esadena ihkara xiga ġarah ka ani e. Paiter sadena yoíkab wa aã ehna awanã yoíhd epi ani e. Ayab mi Paiter sadena xomahb tir aje epi xikod emaġa, ayab mi iwa ani e. Ete Paiter sadena maité ehna yoíhd ekata akanhã iter de ka ani e, wabaye mayõr emaã omalod na yedena ani e.

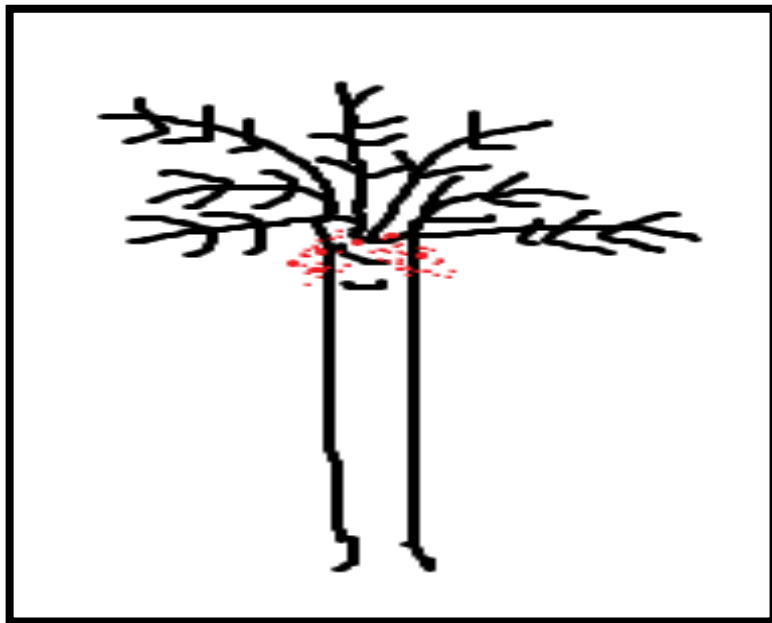
(Naraiel Paiter)

Ahwe maka mã

1. Kahne Paiter emaġa yoíhd epapi kata ani?

2. Kaey eyõ yoíhd emağa Paiter emalod nã ani?

Paba Yobay emãwe tīg ikin ma



Yobay

Yobay kad sadena íhkara xiga бага ter ġarah ka ani e. Ebo paiterey sadena yobay xíhd emi ehna arixãme saba ehna awesíd emağa imi ani e. Ete paiterey sadena yobay eka yobayá de aoh etiga kañe aladeka papí atog kata ani e, ebo itxir aje esomahb ewa. Ete epí paiterey sadena papí de mayõr eyõh eka mãã te iwawe kabi ani e. Ewe nekoy yobay kad dena somatĩhy txer ehna paiterey kabi e.

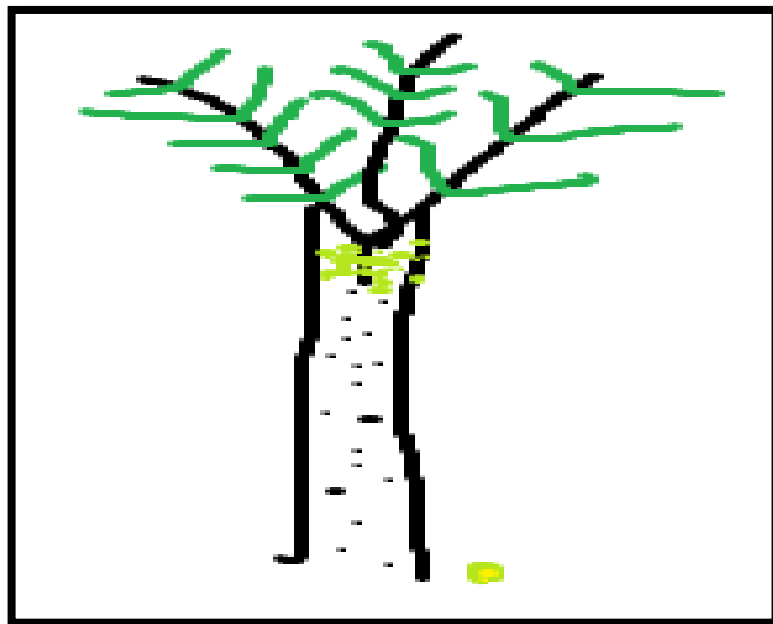
(Naraiel Paiter)

Ah merekare ewe maka ma

1. Kana Paiterey aḡa yobay xīhd emi ani?

2. Kaey eyō yobay papi emaḡa Paiter emalod nã ani?

Paiter koe tīg ikin ma, epi merekare koe maka



Mayohr

Mayohr esadena wapeyah itxa xatiomi awekay ani e, ayab mi mayohra sadena apĩh ehna,apĩhd ekalá ka ani e. Ete Paiter sadena mayohra sade xábo et iga xadag ewa ani e. Ebo epi Paiter sadena mayohra de aoh eka íkab epí te sogab agã, ehna te mabekab agã ehna ani e. Ete mawena te sobagey sadena mayohra de aoh eka ehna iwa te ani e. Mayohr anar kanẽ aladeka Paiter sadena papí kata ani e, ebo íxi wa, etiga palosadenã akosíõh aladewe maõh ani e. Ewe nekoy mayohr dena somatũy na ter ehna Paiter kabi ani e.

(Naraiel Paiter)

1. Kanã mayohra papí sed agã ani?

2. Kaey eyõ mayohra papi emağa Paiter emalod nã ani?

3. Nãd ağa Paiter ağa mayohr kab emĩ ani?

Paba Paiter koe tĩg esade meremã etĩg ikin mã



Ğa ma sodoyey

Ğa ka aje sodoy ikin eka sobagey sade iwa iter ani e, ebo ewe nekoy Paiter kabi sodoy sadenã aõh ani e. Mebekodey sadenã soáh, meeg eyab mi mõy ewa iter, ğa ka ani e. Ete ehna te wasa sadenã ibogah sîhd, mõy sîhd ewa makanhãhwe sohta ani e. Ete mawenã te moralá ayab mi wakĩ sadenã makahb ewa maõh ani e. Ete, yena sobagey sade ka Paiter sadena aka alawata ter ehna ama sodoy ikin ani e.

(Naraiel Paiter)

Ăh merekare koe maka mã

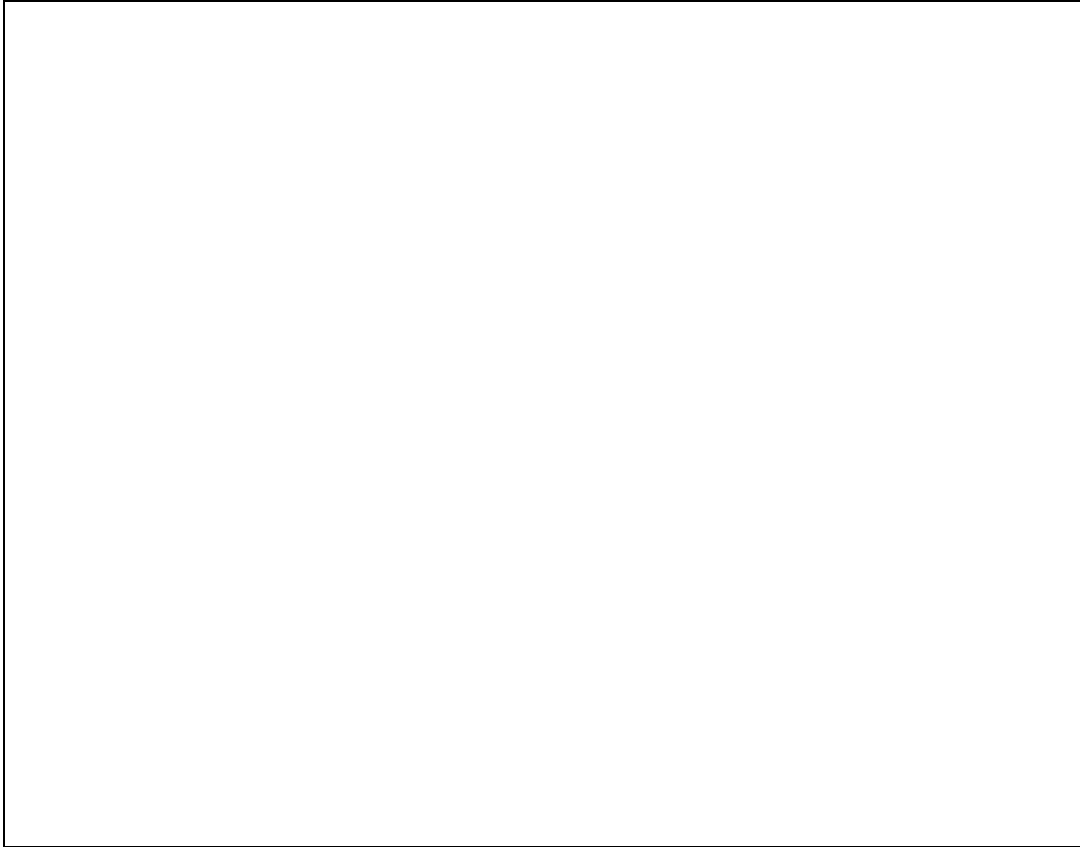
1. Kaey aĝa, ğa ma sodoy mapĩhd ne sohta sobagey nã ani?

2. Nãd aĝa sobahg na ibogah sîhd eyab mi mõy sîhd ewa ğa ka ani?

3. Nãd aãa sobahg na soáh, meeg eyab mi mõi ewa ãa ka ani?

4. Nãdey aãa sobahgey na makahb ewa ãa ka ani?

5. Sobagey sade ãa ka ewe íxoh maãa ma:



Paba Paiter koe tīg ikin ma

Ihtxage

Paiter sade ġao saba itxaga ani e, ihtxagawe dena moribey waré paiterey sade ġao mi awekay ani e, ewe e, ehna te ġao pabíd siã awekay. Ete ihtxagawe ama ka paiterey sadena iwewá mã ani e, ebo tasadena ah kalena ma ih, aje ih ikin eka ehna, pahra, ehna ani e.

Ebo paiterey sadena mawena ehna, ihtxage kabi ehna iwe warey, ehna te iwe ahbey kar ani e, ebo iwe warey jena ah ey e: markab eyab mi larpiahb. Ete ah ey jena iwe ahbey ehna e: wabeb eyab mi tabir epapi. Wabeb emi paiterey sadena markab eyab mi larpiahb akĩah esíriga ani e, ete tabir epapi mi xakĩah ka dug, dug, gá.

Ete paiterey sadena yena aje iwewá maki, iwewá warey mã, ayab mi iwe ahbey mã etiga ehna awe mamer ehna ani e. Ete etiga bo, itxage sadena ani e.

(Naraiel Paiter)

Ah mererekare ey ewe maka ma:

1. Nãd e, ihtxage mi na?

2. Kana Paiterey aãa ihtxage ama ka ani?

3. Ka ihtxage warey aãa?

4. Ka ihtxage ahbey aãa?

5. Ihtxage íxo maãa ma:



Paba “Ikõr iter” emãwe tĩg epí, ah merekareey pere maka sodĩg emi

Mater iter, panãg dena ahna ma e, awekar alaba ikõrey xab lihd ikin, ihkabkod mere tar e. Ebo dena apug itxa yakina ã, ehna abohta yakade itxar eka ikay e. Ebo madekena ikõr xab lihd ikin oĩyã aka ehna aperã amakab ģa e, ete taje nah awe kay e:_ pamaka iwe ikin ma!_ ehna awe kay e.

(Naraiel Paiter)

1. Ka maġa ģoe nã, e etiga soe atemãnayã ģoe nã wabíta meremã?

2. Ye sodĩg ikin ma:

Ete pamoyey jekena âh ter ikôr mug sade: _ xoram, xoram, xoram! _____ pi e.

Ebo tajena:

_ Apug itxa boh yakina ã.

_ Iweka awekay e. Ebo tajena awekay:

_ Yakeka ikôr mug aã ma!

_ Ehna awe kay e, ete tajena:

_ Iyeh.

_ Ehna awekay.

3. Ka tĩga eã gõe nã wabíta ani:

Owagá ewe-Ewagá ewe-Awagá ewe-Toyagá ewe-Meyagá ewe-Tamawagá ewe

a) Ye sodĩg ikin ma.

Ete de “Iyeh” dema e, dena abekãyahb aã _____ wekabi e, ete dekena: _poroh pãg, poroh pãg, _ehna awãna e, ihb agã mã e. Ebo dekena, _____ akah ikôr xab lihd eka e, ebo dena amakab esade gõy txar eka e: _Ãh tete yakana poh, eyab nesá ixiruhd iter poh._ Ete xamakab sade gõy txar, edenã iwe pi õhb aje eka, ehna iwe kar maité ikay e: _Kanã? Kanã ter bo yaã ixiruhd ah?_ _ayab weka dena iweka ikay e: _Boté lade ixiruhd yakiãh eãay e._ wá iõhb ner gõytxared dena maité, ehna merekar ehna tar e. Ebo, ihb ahbikoy yedena, _____ itxer masade akay, eka ehna atãrawa ehna iwe ka e, ebo dena _____ ehna amakab gã ahna e: Boté lade ixiruhd yaka eneyedey perpi peremĩ yã eãay e!_ ebo gõytxared dena iwe kuy ikin õhb, ehna amakab de, akay eka e. Ebo dena iwe ka ehna, pukub ehna nabea mã e, ebo awãna amakab de ihb emi ma e, _____ e, _____ mamaãay eréh ehna e, ayab we itxa aka amakab etor _____ wabikoy e.

Õoeey yaã takapiká sodĩg wabíta mã. merekar (questionar) – eyxar (cortar) – awãna (subir) – iwar (deixar) – ahgoy (descer) – ahnẽ (chegar) - awẽhtẽ (falar)

Waloy emãwe tĩg ikin mã, epi iwe tĩgã:



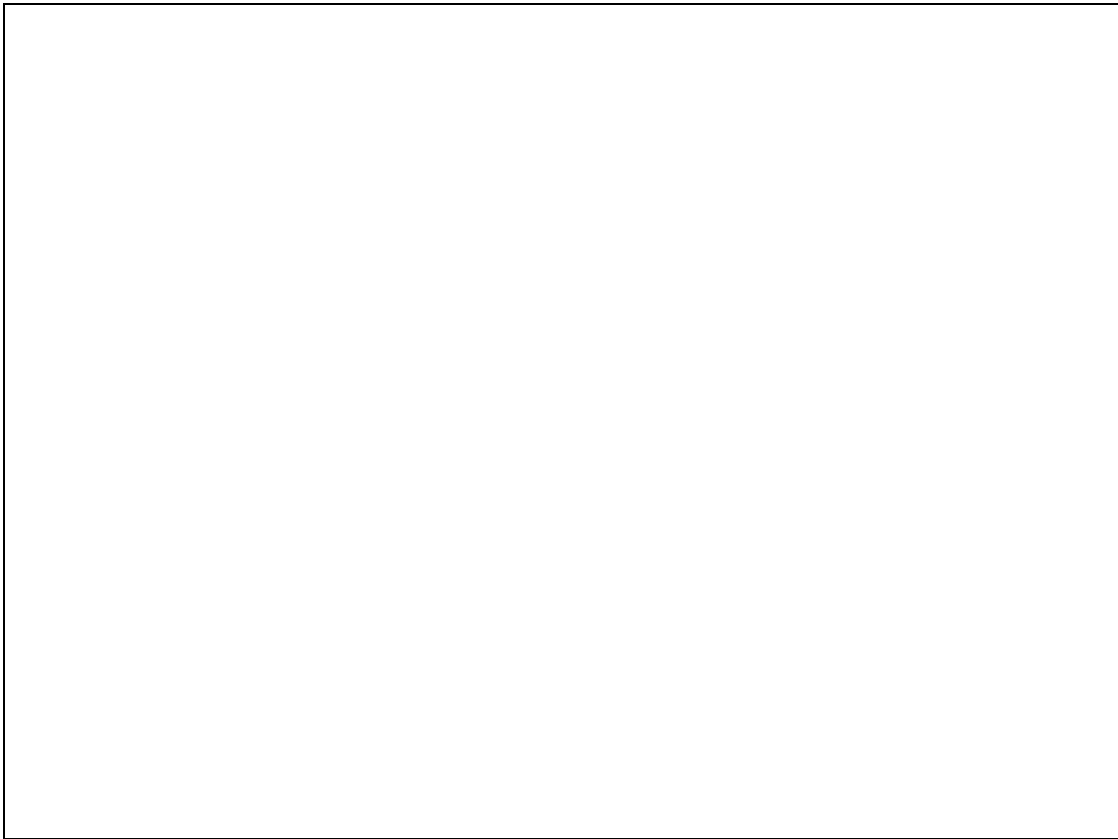
Waloy jena, Paiter malod, ewe nekoyamug ayab mi koruhb esadena iwa ani e. Ete yakadena wã ka aweítxa ġarba ka ani e, ebo mixãġi asarãñẽ amalod ġar.

1. Nãdey aġa paiterey nhã waloy ewa ani?

2. Nãd ġá waloy aġa aweítxa ġarba ka ani?

3. Kaneh waloy aġa asarãñẽ awã pi ani

4. Waloy íxo mağa mã:





Areluhd

Areluhd dena, Paiter koruhb emalod ehna e. Ete mamug pīd mameb esadena ohne iwa ani e, areluhd sá mamug pīd mamed emaíh ani āh Paiter esadena iwe mǎ ani e. Ewe nekoy Paiter sadena akoruhb tē aje tigá iwa ani e, ehna te ahnatīhd ikin aje etiga. Ete yakadena wǎ ka aweítxa ġarba ka ani e, ebo mixāġi amalod ġar asarānē.

(Naraiel Paiter)

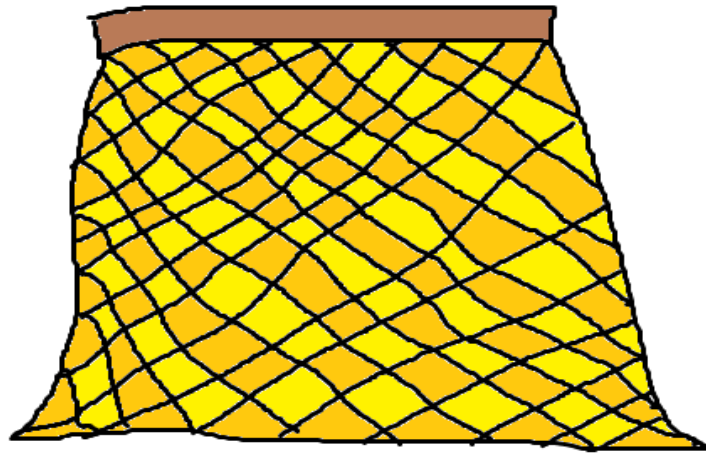
Ahwe koe maka ma itxīgá ma

1. Kaneh Paiter maġa awekabi areluhd ewawe maā ani?

2. Nǎd aġa ohne areluhd ewa Paiter kabi ani?

3. Kaneh areluhd aḡa asarãñẽ awã pi ani?

Ah Paiter ekoe tĩg emi meremãwe sade ewe tĩg ikin ma



Waled esadana akâpe maḡa ani e, eyab esadana pasab akira emi maḡa ani e. Ete waled esadana ay yámah na maḡa ani e, eyab nar yakadena ḡuyá apatohta ani e.

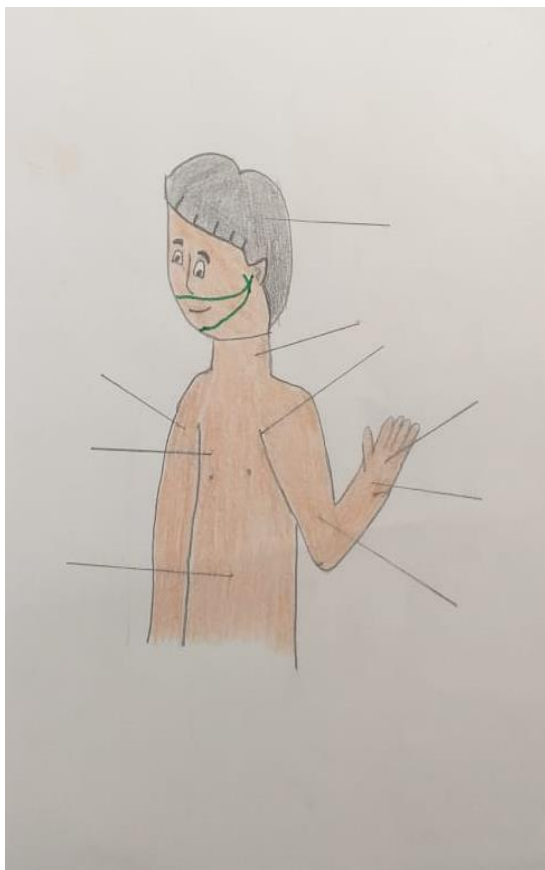
(Naraiel Paiter)

1. Nãd eka waled emaḡa akapê maḡa ani?

2. Nãd emi waled emaḡa akapê maḡa ani?

3. Paiter porah sedey aki ma:

Ikab - lakawa - ikobe - amapé - nepikawa - amiyāh - gosipeh - lakawahsīhd - amih – lakawah pepohsīhd - goxer - ikobeh - yokopi - wepipih - anarsīhd - watabé - amohkār - wepiomah - mabekab - nekoxaah - neposagah - miniyāh – amiyākowā
Miahb ami – masapeh - ohrokobi



1. Paiter koe aahd aki ma:

asabatē - toysabatē - meysabatē - osabatē - pasabatē - esabatē

a) Oen de _____ e.

b) Een de _____ e.

- c) Xien de _____ e.
- d) Paen de _____ e.
- e) Toyen de _____ e.
- f) Meyen de _____ e.
- g) Taen de _____ e.

2. Maité te Paiter koe aahd aki ma:

Egoyamã – agoyamã – meyagoyamã – ogoyamã – pagoyamã - toyagoyamã

- a) Oen de _____ e.
- b) Een de _____ e.
- c) Xien de _____ e.
- d) Paen de _____ e.
- e) Toyen de _____ e.
- f) Meyen de _____ e.
- g) Taen de _____ e.

3. Nãd mağa aor iná Paiter koe na?

toyen - owera – meyera - ewera – xien – awera - pawera

- a) Oen de _____ e.
- b) Een de _____ e.
- c) _____ de awera e.
- d) Paen de _____ e.
- e) _____ de toyer e.
- f) Meyen de _____ e.
- g) Taen de _____ e.

4. Paiter koe tĩg aki ma.

Xien - Taen - Oen - Een - Paen –Toyen - Meyen

- a) _____ de kata e.
- b) _____ de kata e.
- c) _____ de kata e.
- d) _____ de kata e.
- e) _____ de kata e.
- f) _____ de kata e.
- g) _____ de kata e.

Oy je Ikõr iter nã awetá ewe



História ilustrada por Tibério Oyniemaad Surui

Oy je Ikõr iter nã awetá ewe

Mater iter, panãg dena ahna ma e, awekar alaba ikõrey xab lihd ikin, ihkabkod mere tar e. Ebo dena apug itxa yakina ã, ehna abohta yakade itxar eka ikay e.



Ebo madekena ikõr xab lihd ikin oĩyã aka ehna aperã amakab ãa e, ete tajenah awe kay e:

- _ Pamaka iwe ikin ma!
- _ Ehna awe kay e.



Ete pamoyey jekena ãh ter ikõr mug sade:

- _ Xoram, xoram, xoram!
- _ Awagá ewe pi e. Ebo tajena:
- _ Apug itxa boh yakina ã.
- _ Iweka awakay e. Ebo tajena awakay:
- _ Yakeka ikõr mug aã ma!

_ Ehna awe kay e, ete tajena:

_Iyeh.

_ Ehna awekay.

Ete de “Iyeh” dema e, dena abekāyahb ağa awāna wekabi e, ete dekena:

_Poroh pāg, poroh pāg.

_Ehna awāna e, iħb agā maā e. Ebo dekena, ahnē akah ikōr xab lihd eka e, ebo dena amakab esade ġoy txar eka e:

_Āh tete yakana poh, eyab nesá ixiruhd iter poh.

_ Ete xamakab sade ġoy txar, edenā iwe pi õhb aje eka, ehna iwe kar maité ikay e:

_Kanā? Kanā ter bo yaġa ixiruhd ah?

_ Ayab weka dena iweka ikay e:

_Boté lade ixiruhd yakiāh eġay e.

_ Wá iõhb ner ġoytxared dena maité, ehna merekar ehna tar e. Ebo, iħb ahbikoy yedena, merekar itxer masade akay, eka ehna atārawa ehna iwe ka e, ebo dena awēhtē ehna amakab ġa ahna e: Boté lade ixiruhd yaka eneyedey perpi peremī yā eġay e!

_ Ebo ġoytxared dena iwe kuy ikin õhb, ehna amakab de, akay eka e. Ebo dena iwe ka ehna, pukub ehna nabea maā e, ebo awāna amakab de iħb emi ma e, eyxar e, ahgoy mamaġay eréh ehna e, ayab we itxa aka amakab etor iwar wabikoy e.



Ebo Paiter de awāna ma e, dena awaga:

_Xī, xī.

_ehna wabikoy awaga ġarba itxa ehna e, etiga te ikōr mug dena aar pi ehna ikay e:

_Kanēġina ewaga iħná?

_Ehna iwe ka ikay e, ebo dena iwe maka ehna iwe ka ikay e:

_Oyībi ihgá te mā yana poh, ete lada na e, ehna lana ohgoy iõhb lada na e.

- _ Dena iwe ikay e, ebo ikõr mug dena iweka ikay e:
- _ Emaã bolá maré.
- _ Ehna iwe ka ikay e, ete Paiter sade ihb abikoy, e dena:
- _ Iyeh.
- _ Ehna iwe ka ikay e.



Ebo ikõr mug dena, aposãahb e pi ehna, day, ebo jag ehna ixi mi, yakawa ka e, ebo dena yuhd ehna yakawa alar ka e, etiga te dena:

- _Txog, txog, txog.
- _ Ehna ama ikõr nêh e. Ebo dena, e pi ikay e:
- _Eğaye, olobey je aor eka, aligáré, tapamiré.

_Dena ikay e, ahna te yakaye ahnê ajeka egõah kamã aye, txog, txog, txog, apikõy kor tiga egõah mahpáwe ixoh wemã poré, dena meremã ikay e. Ebo yena Paiter dena ama ikõr nêh e.

Ebo epi ikõr mug esobey jena aor ehna arimẽey yabáwerá aor ehna ģakorah mabi ehna tar e, eyab dena, apug itxa ehna manoh ikin e, eyab dena ikay e:

- _Nãd ama nãh?
- _ Ebo ikõr mug dena iwe ka asob ģa e:
- _Omalod akad laã toyanã poré!
- _dena asob ģa iweka e. Ebo xixob dena iwe ka ehna:
- _Txog, txog, txog.

_Ehna pasapé ema páh, ehna xaĝoah kamã ehna iweka e, ayab dena ohne ehna, dãĝa te, ehna iwe ka e, ebo ikõr mug esob dena iwe ka ikay e, xitxate anar palá maih, ehna apug ka e.

Ebo ikõr iterey jena paiter de ama ikõr nêh e, emakobawe na, ehna pamaka ġakorah ma ikay e. Ebo dena, tay itxa aka ġakorah iweka e, eyab ġoy paiter de, ama ikõr nêh e, dena ohne soaka te ehna e, ebo ikõr mug dena, arimê aka aje yõh ehna iweka ikay e:

_ aka oiãh eyaye ré.

_ Ehna ixar õh ehna iwe ka ikay e. Ete ikõrey jena, ġakorah aje pi ehna, ahnê ehna awá kabi e, etiga te, tajena paiter ema ikõr nigá aje ma e, eka e:

_Nãd aka ema?

_ Ebo dena iwe takay e: Ah aka toy apoh!

_ Ehna arimê sar õh ehna takay e. Ebo ehna te, ikõrey jena makalá ka te, ehna te e, ġakorah ré tajena awekay e. Ebo tajena arigá ehna, etiga apopíd aka e, ete etiga paiter de, ama ikõr nêh ma e, dena aíd aka te e, ewe ka tajena iwe kuy ikin ikay e. Ebo dena ehna te, ehna akobá weor tamakab iter na awetá e. Ete yena paiter dena awetá ehna ikõr iter na ma e.



Ete paiter de, ama ikõr nêh ma e, dena ikõr iterey ka e, apakob míd nêh aje taperemi eka e:

_Ye ahne bar ah, anu paiter de onor iwar ihb abikoy ma e, ekar ma ih, waba owepíka ikay aye.

_Dena takay meremã e, ebo ikõrey jena, ehna te bela kayã ehna ikay e. Ete dekena, paiter de ator iwar ihb abikoy ma e, ekar yede kanê alade ka ehna e, oykoahb emamir ehna e. Eyab dena oykoahb ka e:

_ Ohma pãy eka ma.

_ Dena ikay, ebo oykoahb dekena, paiterey ewáh xiga aka ehna atohtê ihb atog iter abikoy ehna pereka e. Ebo oykoahb sade alatar paiterey ikin, etiga mûy paiter dena asaranê alaba ehna, makarawahb aharerá ehna anar tar ehna nõi ehna asaranê ehna lab mi tar e, ete aka asíkiã ehna tar e, ebo oykoahb dena iwe ka tar e:

_Ye tih yakina ih?

_ Dena iwe ka tar e.



Eyab dena:

_ Boté eyá xikin ã?

_ Ikõr iter de aor iwe kar akay eka, ehna iwe ikay e:

_Mũy paiter tesá, asaranẽ soa arerá anar tar poh, aikin e pamĩ poh.

_ Iwe ka ikõr na paiter de awetá eka e, ebo dena iwe ka ikay e:

_Eh eti boté yakena poh!

_Ehna iwe ka ikay e. Ete paiter de ikõr na awetá e dena e, ġaowuhb akah ehna oykoahb tar ehna e:

_Maité eka nãd aġina lab mi asaranẽ nõrĩ wá eka ma?

_ Dena ġaowuhb ka e, yaka ġuyá xikin ah yede na e, ebo ġaowuhb dena iwe ka ikay e:

_Iyeh.

_dena ikay e. Eyab dekena e, ihb sade paiterey ewá xiga xatog iter e, enepoh tar aka atohtẽ akah xikin ekar akah e. Ete paiter dena, e aje lab mi asaranẽ aikin e pami soa ahrerá anar tar tar e, ewe mi tedena asaranẽ tar e, ebo ġaowuhb dena iwe ehna tar e:

_Ye tih yaki naih?

_Ehna tar e. Ete dekena, ahna akah meremã akah ikõr na paiter de awetá ma e, eka e:

_Asaranẽ te masá nõrĩ lab mi, soa arerá anar tar poh.

_dekena meremã ehna e, ewe ka ikõr iter dena iwe ka, ikay e:

_Eh eti yaka dena e!

_Dena iwe ka ikay e. Ebo paiter de ikõr iter na awetá ma e, dena iwe ka ehna, Wakawa mamir ehna e:

_ Yah keka nãd aġina lab mi asaranẽ nõrĩ wá ekah oġabi ma.

_Dena wakawa ka e, ebo wakawa dena ikay e: Iyeh.

_Ehna iwe ka e. Ebo wakawa dekena na e, paiterey ewá koy akah ehna, wê, wê, wê, akah e, paiter sade nōrĩ asaranê ene pikawa ka akah e, eyab dekena ikōr iter ka akah e:

_Ye te yakina nâyã!

_aka e. Ebo ikōr iter dekena e, eh e paiter sade nōrĩ asaranê ekar akah ehna e, amitohta akah nōrĩ ehna ihb kapãhb mi akah e, kanõhğena ma akah e, etiga te paiter sade nōrĩ asaranê etiga te, ikōr iter dena e, apikōyahb torerá aor ehna wabí pabi e, ebo apikōyahb emi aje mamataga e, etiga, matoraã ehna asárerá akah may itxa akah wabí koy e. Etiga paiterey jena ku, ku, ku ehna awekay e:

_Ah ikōr ni sá pawa yã!

_Ehna e. Ebo oyey jena, etiga e, ayabey mi ikay e, txib, txib, txib, ehna e. Ete ehna maey saba Moğuhd deor ehna amakab oyey ka asahrá aor ehna e:

_Waba mey peremi yab wã txĩma?

_Ehna takay e, ebo tajena, ohne, ter бага ter ehna ikay e, eweka dena, mamug sade ur torerá yab alakará ełhgá ipi e, ete dena, tabog, eyab dena ikōr eposã ĩh ehna e, eweka ikōr dena, manar ewa aje ekār ematxĩ e, eyab deor asárerá ehna, wũh,wũh,wũh, ehna e, ebo amawayã tẽ, ewe ka mawug sadena ah karba mi ehna ģarah ka ehna, Wũh, wũh, wũh, ehna ni e.



Ebo etiga oyey jena, ama yabey yõh we kar ehna ikay e, eyab dena awepika ehna ohne ehna takay e:

_Yeyá awekãra yã te meysá dina oğay e.

_Dena awewã takay e.

Ete paiterey jena Moğuhd eka e:

_ Emanortê beliã, eğar bote ikōr ni sinaye poh.

_Tajena ikay e. Ebo Moğuhd dekena amanõrtẽ akah ehna ih abé ka ixaahb ibiahb esade ani e, eka e. Eyab ãoy waledey jekena ximalod, eyab mi ehna xima itxer aã aje ih pi e, emawa ehna ikay txar e. Ete ikõr iter na paiter de awetá ma e, edena, aĩh Moğuhd dema e, eka ehna, ãaowuhb emaka kabí ehna e, ikar eka oğabi ma ikay e. Eyab dekena, atohtẽ akah ehna ihb ka, akah ehna, kana soe mağã ma akah e, eyab dena waledey sadeka ixaahb ibiahb ka akah mamir:

_Ğorah, ģorah.

_ Akah mamalod eyõh ewe ikin e. Ete dekena ehna aje soe ikin e, ewe mã akah, ikõr iter ka akah e, ewe ikõr iter dena, ehna de meremã akay eka ikay e:

_ Eh e te yakadena e.

_Dena iwe ka ikay e. Ebo dekena ih abé ka ixaahb ibiahb sade ani e, ekabi mã akah e. Eyab ãoy jekena akah ixaahb ibiahb ka akah ehna, lobeyey eperemã akah ehna e:

_Ğorah, ģorah.

_ Ehna e, ete dena, ehna alaba ehna e, lohr, lohr, ehna apikõyahb bimaĩh ehna ixaahb ibiahb koxah ehna e, ayab ãoy jena Moğuhd sade amitohta, eh e koy e, ami koxah, xamiãahb koy, ehna apikõy bimaĩh ehna xaka e, ebo ikõr iter dena, eh e ehna Moğuhd aka e.



Ete lobeyey jekena e, ixaahb ibiahb koy akah, anu alade ani ehna aka ehna e, Moğuhd emalod eyõh aka ehna e:

_ Ğorah, ģorah.

_Ehna akah mamir e, ete Moğuhd dena ohne tapere maka te e, ebo lobeyey sade apere maka wagapi etiga solõhd ģa de aor ehna akamawa ehna lobeyey ka e, eweka lobeyey jena, ye boh iná xaka inã ih taje iweka e. Ete Moğuhd dena mosãahb na awetá asõni ajeka ih ka.

Ebo yena, ikõr iter na paiter de awetá ma e, dena awepika ehna manã taje akay maey ka e. Mağer ter dena paiter de atohriwar ihb abí koy ma eka e, eyab nar dena aposã ãh Moğuhd dema eka e. Ete ikõr iter na paiter de awetá ma e, Ğaowuhb, Oykoahb ey jena ģani koy akah ma e, ayabey sadena aperewe itxa ter ani e, ewe nekoy wawãey sadena tapere ígá ani e, soey nã tasade ah karbami ani eka ani e.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

PAITER SURUI, Naraiel. **A classe de verbos na língua Paiter (Família linguística Mondé, Tronco Tupí)**. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena (PPGEI). Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Trabalho de Conclusão de Curso-Especialização, 2019.

SURUI, José Itabira. **Oy je Ikõr iter nã awetá ewe**.(Fonte oral) Epistemologias Paiter. Terra Indígena Sete de Setembro. Aldeia Sertanista Apoena Meirelles. Rondolândia, 2022

BIOGRAFIA DO AUTOR



Eu me chamo Naraiel Paíter, sou do povo Paíter de Mato Grosso, e moro na aldeia Sertanista Apoená Meirelles, no município de Rondolândia. Sou formado em Licenciatura Intercultural Indígena, na área de “Línguas, Artes e Literaturas”, pela Faculdade Indígena Inatercultural-FAINDI/UNEMAT e tenho especialização em Educação Escolar Indígena pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Sou professor de Língua Materna e de todas as demais disciplinas na turma multicitada de 6º ao 9º ano, na Escola Estadual Indígena Sertanista Apoená Meirelles, desde 2008.

VERSÃO DA NARRATIVA DO GAVIÃO REAL EM PROTUGUÊS

O homem que se transformou em gavião real

Há muito tempo atrás, aconteceu isso com nossos antepassados, e aconteciam muitas situações antigamente. Nossos antepassados viram o ninho do gavião real no topo de uma árvore muito alta que era uma cerejeira. E viram que o gavião tinha filhotes, notaram isso, porque o gavião estava deitado em cima do ninho. E com isso, a pessoa que viu o ninho do gavião, foi contar ao amigo. E um disse ao outro:

_ Vamos lá ver!

E no outro dia, nossos antepassados foram ver e, dessa vez, ouviram o filhote de gavião real piando:

_ Xoram! Xoram! Xoram! Eles ficaram animados e disseram:

_ Tem filhote mesmo!!

E um dos nossos antepassados disse:

_ Você vai tirar o filhote de gavião para nós!

_ Escolheram um deles e, assim, um dos nossos antepassados Paiter preparou um círculo de cipó para colocar nas pernas e facilitar a subida, e também foi pegando outros cipós que estavam ali pendurados.

E foi subindo na árvore, e quando acabou de chegar onde o filhote do gavião estava disse ao amigo:

_ Têm poucas penas!

Mas o filhote estava sozinho desta vez. E o que não tinha subido continuou questionando ao que subiu:

_ Mas como estão as penas dele, muito ou pouco?

O que estava no topo da árvore dizia:

_ Está pouco! Dizia, entonando a voz.

E assim, o que estava embaixo continuou questionando:

_ Como é que é? É pouco?

E desta vez o que estava no alto da árvore disse:

_ Está igual à coisa da sua mulher!! Disse já nervoso.

Ouvindo o que outro falou, o que estava ao pé da árvore não gostou, por isso, dificultou a descida do amigo, cortando os cipós que facilitaram a subida. Depois de dificultar a descida, foi embora, deixando o amigo no topo da árvore.

No topo da árvore, o homem ficou chorando, vendo que o companheiro dificultou sua descida, pois não via a possibilidade de descer.

Vendo que o antepassado Paiter não parava de chorar, o filhote de gavião real disse a ele:

_ Por que você está chorando tanto?

O antepassado Paiter respondeu:

_Subi aqui para te levar, mas meu parceiro tirou os cipós que facilitavam minha descida e me deixou. Agora não sei como descer.

Então, o filhote de gavião disse ao antepassado Paiter:

_ Não se preocupe! Você vai ser meu caçador, meu amigo e vou te ensinar a ser gavião.

Com isso, o antepassado Paiter parou de chorar. O filhote de gavião real arrancou uma de suas penas e pingou o líquido dela no olho do antepassado Paiter que gritou também a linguagem dos gaviões:

_Txog, Txog, Txog, Txog, se transformando em gavião real e ganhando penas pelo corpo.

O filhote de gavião real disse ao antepassado Paiter:

_Quando meus pais chegarem, não sinta medo deles, porque vão bater no seu peito com unhas afiadas para testar você. Não demonstre que está sentindo medo, porque se demonstrar, vão te matar.

_ Nesse instante, vieram os pais do gavião real voando, trazendo macacos guatás que tinham matado. Na chegada, vieram já batendo no peito do antepassado Paiter, e ele fez o que o filhote do gavião tinha pedido.

Eles perguntaram ao seu filhote:

_Quem é este, filho?

_ E o filhote respondeu:

_ É o meu amigo que vai ser meu caçador particular.

Então o pai gavião real testou o antepassado Paiter com as unhas novamente, batendo nas costas dele para ver se era caçador mesmo. Como ele não se aterrorizou, disse ao filho:

_ Aceito ele ser seu caçador.

O pai gavião interessou em fazer caçada para ver se o antepassado Paiter era mesmo bom de caça. Assim partiram para a caça, o pai gavião real, o antepassado Paiter e o filhote de gavião real.

Na caçada, o antepassado Paiter não achou nada, então, o filhote gavião deu a ele (antepassado Paiter) o que matou na caçada dizendo:

_ Na chegada, você apresenta isso diante dos meus pais como a sua caça.

E assim ele fez... Quando o pai gavião real veio perguntar depois da caçada o que ele matou, disse a ele que matou um macaco guatá.

O gavião falou:

_ Você se saiu bem. Se não você tivesse trazido nenhuma caça, morreria. Mas você é bom de caça mesmo!

Depois disso, comeram as caças. No dia seguinte, saíram novamente para a caçada para se alimentar. O pai gavião trouxe dois macacos, e o antepassado Paiter também. Aos poucos, ele se acostumou com os gaviões. E foi assim que o homem que foi deixado no topo de uma grande árvore se tornou gavião real.

E quando se viu forte, se lembrou do parceiro que tinha abandonado ele no topo da árvore. Então disse ao filho do gavião real:

_ Quero me vingar do homem que me deixou desesperado no topo da árvore.

O amigo gavião real o deixou ir para se vingar. Ele planejou a vingança para matar apenas a pessoa que o deixou no topo da árvore.

Assim convidou o urubu para espiar a aldeia para ver a pessoa que estava procurando. E o urubu aceitou o pedido e foi espiar a aldeia. Escolheu sentar no galho de uma árvore grande que estava na beira da aldeia e que dava para visualizar a paisagem toda.

E durante a espreita da aldeia, o urubu viu que um homem saía da oca muito estranho. Ele colocava uma esteira por cima da cabeça, saía para fazer as necessidades pessoais e voltava da mesma maneira que saía da oca. O urubu foi contar isso ao antepassado Paiter:

_ De todas as pessoas, tem um homem se escondendo com uma esteira.

O antepassado Paiter disse ao urubu:

_ É ele! Confirmando que era ele mesmo que estava estranho.

Para outra espionagem, convidou o pássaro de peito- vermelho-grande, que aceitou ajudar. O pássaro foi sentar no galho de uma árvore para ver melhor o homem que estava saindo da oca, com esteira por cima da cabeça. No entanto, conseguia ver da mesma maneira do urubu, que foi falar o mesmo dito pelo urubu para o gavião que queria se vingar. Nos dias de hoje, o pássaro peito-vermelho-grande, para os Paiter quando canta indica que está chegando a seca e também quando está terminando.

Na terceira espionagem, convidou a mosca para ver melhor o homem que se escondia com esteira na cabeça. Ela aceitou ajudar para ver a pessoa que se escondia. Então foi rodeando e voando bem de perto do rosto da pessoa que estava saindo com esteira por cima da cabeça. A mosca confirmou que era a pessoa que o gavião real procurava e foi contar a ele.

Com isso, o homem que tinha se tornado em um gavião real foi sentar no galho de uma árvore que ficava bem perto da aldeia, se escondendo para dar o ataque certo no homem que saía da oca, escondendo o rosto.

Para os Paiter, quando uma mosca está voando e rodeando a pessoa, é sinal que alguma coisa está espreitando na floresta.

Vendo o momento certo para dar o ataque certo no homem que o deixou no topo da árvore, voou mostrando as garras por cima e carregou o homem para mata-lo, levando-o para o alto.

Ao verem isso, as pessoas se assustaram gritando:

_ Um grande gavião está nos atacando!

_ Os homens que estavam ali por perto pegaram as flechas e tentaram acertar o gavião que estava levando o homem preso às garras, mas não conseguiam acertar. Nisso, veio um homem que era conhecido como *Moğũhd*, por utilizar o braço esquerdo, pedindo a flecha aos homens:

_ Me dá a sua flecha que eu acerto!

Porém, todos negaram entregar a flecha. Com isso, ele pegou forçadamente o arco e a flecha de um jovem que estava por perto e, na primeira tacada, acertou em uma das asas do gavião, que deixou cair a cabeça do homem. A cabeça veio caindo com tanta velocidade que dava somido, e se transformou num nambu, um dos pássaros que assobia na floresta, até os dias de hoje.

E com este acontecido, as pessoas falaram para *Moğũhd*:

_ O grande gavião real agora vai te procurar para te matar, você deve se esconder em um local seguro.

_ Por causa disso, *Moğũhd* passou a viver se escondendo do gavião, e foi morar em uma caverna à beira do rio. As mulheres da aldeia levavam comida e água secretamente para ele até a caverna.

E desde que o *Moğũhd* acertou uma de suas asas, o grande gavião real o procurava para matá-lo. E para isso, novamente convidou o pássaro peito-vermelho-grande para espreitá-lo, que aceitou ajudá-lo. Quando foi espionar a aldeia, sentou no galho de uma

árvore e viu as mulheres saírem para entregar comida na caverna. Depois iam da caverna para rio pegar água e entregava a água em um pote na caverna.

O pássaro foi contar ao gavião real que, ao ouvir, disse a ele:

—Deve ser ele se escondendo na caverna, vou até lá.

E o grande gavião real foi até a caverna, chamando *Moğũhd* para sair de lá, mas *Moğũhd*, de tão esperto que ficou para se esconder do grande gavião, não quis sair para atender alguém que estava chamando ele na entrada da caverna.

Apenas se aproximou da entrada da caverna, e o grande gavião real, mesmo não conseguindo entrar, o atacou com suas garras pelo buraco da entrada da caverna, atingindo o rosto e arranhando-o totalmente, até que o matou.

Quando as mulheres que levavam comida e água, escondido na caverna para o *Moğũhd*, chegaram na caverna gritaram, chamando *Moğũhd*, mas ele não respondeu. Até que veio o cheiro ruim de dentro da caverna, então pensaram que o grande gavião real tinha matado *Moğũhd*, que se tornou, o camarão do rio, dando origem aos camarões dos rios, nos dias de hoje.

E foi assim que o antepassado Paiter se tornou gavião real. Ele se vingou das pessoas que o fizeram mal, primeiro da pessoa que o deixou no topo de uma grande árvore, e segundo, da pessoa que tinha acertado uma de suas asas com a flecha.

E hoje os *Paiterey* acreditam que esses pássaros são espíritos, o gavião real, o pássaro peito-vermelho-grande e o urubu. Por causa disso, os pajés quando se comunicam com os espíritos mencionam esses pássaros no canto, pois esses mesmos que cantaram antes de se tornar espíritos.